

Rilvan Batista de Santana

Cartas, Contos e Crônicas

Atir



Ano 2008

Apresentação

O prefácio é um texto que antecede e apresenta uma obra escrita. Geralmente, não é feita pelo autor da obra. Alguém, que tem afinidade com o escritor ou com o seu pensamento teórico. Ele é designado pelo autor, pela editora ou pelos parentes, quando a edição é póstuma. Não tenho ninguém para delegar esse mister. Não sou lido, não sou conhecido, não sei se os textos que eu produzo sequer merecem uma edição.

Porém, produzo esses textos desde a juventude, depois de velho e com o auxílio do um computador e os recursos técnicos oferecidos de arquivamento e divulgação, é que me debrucei de maneira mais organizada sobre a produção de alguns gêneros literários. Considerando que a Internet veio para revolucionar os meios de comunicação pela agilidade das informações, universais e resumidas, resolvi investir na produção de crônicas e contos por achar que eles serão os gêneros do futuro, face o homem atual viver cada vez mais sobrecarregado de obrigações existenciais. Ele tem menos tempo para os prazeres da alma e vai preferir histórias exíguas e objetivas, prescindindo de histórias compridas e prolixas.

Nos meus textos uso muitas sentenças exclamativas e reticentes com o objetivo de expressar as emoções, os sentimentos das personagens. Acredito que as exclamações dão mais movimento aos personagens, as exclamações deixam as personagens mais soltas e as sentenças reticentes, despertam no leitor uma pontinha de curiosidade e mistério.

Não acredito em uma literatura universal, cada povo tem suas peculiaridades, acredito sim, em temas universais. O amor, a paixão, a traição, a coragem, a lealdade, a procura, o destino, o crime, a morte etc., são ingredientes que sempre serão encontrados na natureza humana. O homem é o único animal que escreve sua história e jamais ele irá dissociar-se de sua essência.

O romance, o conto e a crônica servem para dar respostas às inquietações do espírito humano de maneira criativa, já a filosofia, serve para deixá-lo mais inquieto, sem solução, porque algumas respostas são tão difíceis que se o homem as tivesse, ele resolveria todos os seus problemas espirituais e existenciais. A filosofia é a busca constante...

Tive pais analfabetos e fui criado por tios semi-alfabetizados, além duma vida de carências intelectuais e materiais. As circunstâncias do meio tornaram-me mais estudioso. Com visíveis dificuldades de aprendizagem e sem muitos recursos intelectuais, cheio de lacunas, sem talento e sem genialidade, sublimava as minhas limitações de aprendizagem triplicando o gosto pela leitura e cobrando mais do meu lento raciocínio.

O talento e a genialidade são produtos da inspiração, não advêm do trabalho, da persistência ou se nasce com eles ou não. O trabalho intelectual, a persistência, o estudo e a pesquisa nos darão embasamento para discernir, separar o joio do trigo, mas jamais contribuirão na definição do processo de criação. Por isso, acho que os meus textos têm

valor estimativo e não servem de modelos literários. Diria que são leituras palatáveis, textos que podem não ter uma mensagem sui generis, mas que trazem mensagens do dia-a-dia, história do cotidiano de alguém conhecido ou história de “ouvi dizer”.

Não se tira leite da pedra. Toda história, toda narrativa, tem um percentual embasado na realidade e um percentual de ficção que também não deixa de ser realidade, produto do nosso inconsciente e a sabedoria popular é taxativa quando se refere a isso com a máxima: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Porém, faz-se necessário registrar que isso é diferente de plágio. O plágio é uma imitação, é quase uma cópia às avessas. O plagiador é um falsário, um ladrão das idéias alheias. É diferente daquele que conta uma história que pode já ter sido contada, todavia, a roupagem e a estampania são exclusivas.

Não se pode afirmar em nenhum momento que a vida e a obra de Jesus Cristo foram plagiadas no Novo Testamento. Os textos da Mateus, Lucas, Marcos e João são tão parecidos que alguém poderia perguntar: “quem plagiou quem?”, mas observa-se amiúde que embora seja a mesma história, cada autor faz sua exegese da palavra.

Enfim, se o eventual leitor dos meus escritos não se enfadar com as primeiras páginas do meu livro e folheá-lo até a última página, agradeço-lhe e dar-me-ei por satisfeito pelo esforço e coragem que tive de submeter-me às críticas dos que não irão gostar por quaisquer motivos ou o ataque ferrenho dos críticos que por preconceito compreensível não vão gostar.

Itabuna, 25 de julho de 2007.

Rilvan Batista de Santana - autor

I

Narvil:

É verdade, eu te desejo tanto, tanto... Não sei até quando conseguirei me guardar só para você... A coisa tá ficando complicada. Meu corpo vibra só em pensar na possibilidade de ser tocada, senti minha barriguinha úmida por sua língua insistente, incansável, mapeando meu corpo...

Não duvides de mim... Eu pertenço a você, eu vibro por você, você é o meu homem, meu amigo, meu amante.

Que "DEUS" NOS PROTEJA MEU QUERIDO: HOJE, AGORA E SEMPRE.

Atir

Narvil:

Estava pensando em você, em nós... É impressionante a confiança que tenho em você. Sei também que a recíproca é verdadeira. Exponho-me p/ você e creia, de forma muito natural (o que certamente não faria com um outro leitor). Aliás, não o vejo apenas como "um leitor" você é muito especial, espero que nunca me abandone. Adoro você.

É ótimo está no pensamento de alguém, principalmente quando esse alguém é importante para nós. Ah,mas às vezes necessitamos também

Olha você, vê lá o que vai enviar... Já estou de olhos fechados.

Atir

II

Narvil:

Saudade, saudade, saudade... Perdoe-me, estava na praia como havia dito, tinha computador no local, mas, não deixaram eu responder nenhuma mensagem, trancaram o quarto do computador, esconderam a chave, enfim, fiquei impossibilitada de responder uma única mensagem. Quanto a nós dois, não seja ingrato, não fiz nenhum papelão, pensei muito em você, as palavras de carinho e as "juras de amor" nunca foram fictícias, muito menos fugaz... Continuam vivas! Olha, todas às vezes que ia tomar banho e via a marquinha fininha do biquíni em meu corpo, o meu pensamento voava até você "homem pensante". "Estou... de volta ao meu aconchego"... Em momento algum fostes usado. Continuo te adorando!

Atir

III

Narvil:

Quase dei um treco ao ler o texto de Arnaldo Jabor, machista! E vc. está incluído nos 99%?

Cheguei hoje de viagem, estou com a caixa de e-mail cheia, preciso responder todos os e-mails enviados, mas antes, eu preciso me comunicar com você, sinto sua falta. "Amo-te"

Não posso acreditar que é tudo isto que você pensa a meu respeito: que só lembro de você nas horas de solidão, que fiz um papelão...etc., etc. Narvil, você não tem noção do que representas para mim. Por onde andei, tinha você no pensamento. Fui a um Luau maravilhoso, acompanhada por pessoas legais, mas tudo que via e sentia me remetia até você. A Lua Cheia deslumbrante, me fazia ansiar pelo seu toque no meu corpo bronzeado, pelo seu cheiro... .Enfim, tudo lembrava você.

Atir

IV

Narvil:

Volta, faz-me enlouquecer com tuas palavras tão necessárias, tão minhas. Quero te ter, sem fim.

Amo-te, Adoro-te. Eis -me aqui. Toda tua, viciei-me em você.

Tua presença na minha Caixa de e-mail me agrada, me fascina, deixa-me desejosa de ti. Vem saciar a minha fome de ti. Eu não quero me desligar de você, mas, não quero e não vou ser inoportuna, muito menos inconveniente. Se não me responder: esta será a última mensagem . Fica a teu critério, **ADEUS OU ATÉ LOGO...**

Por favor, fale comigo

Ah, homem...Li, reli, aproximadamente umas seis vezes a sua carta. Enlouqueço cada vez mais com suas palavras tão necessárias, tão minhas. Sinto que são verdadeiras. Bendito e proveitoso: "primeiro e-mail que me enviaste". Laureou nosso relacionamento, que forte se tornou e apaixonados nos deixou... Mil beijos apaixonadosssssssssssssss

Ah, nem imaginas como dormi, como acordei!
Tá difícil

Engraçado, lembro-me quando me declarei a você:a sua resistência, foi até indelicado comigo, chorei... Hoje percebo a facilidade com que diz está apaixonado... amar-me! O que o fez mudar de opinião?

Atir

V

Narvil:

Narvil, Narvil, tu não me conheces... Eu preciso admirar muito um homem, para deitar-me com ele. Fui à praia sim, passei quatro dias. Narvil, quem prefere ficar "incógnito" é você (o que me deixa desesperada) preciso sair um pouco, me divertir...

Homem, homem, estou apaixonada! Conheces alguém que estando enlouquecida de desejo por um homem, consiga fazer amor com outro?

Tentativa houve, não posso negar... Mas não consegui, tinha você impregnado na minha

alma. Não sei até quando suportarei essa ausência, mesmo que tão presente. Podes não acreditar em Papai Noel, mas ao menos acredite numa mulher que está viciada, apaixonada... Nunca brinquei com você Narvil. Percebestes como ciúmas de mim? Já percebestes que eu nunca perguntei como anda sua vida sexual? Sei que entre marido e mulher, mesmo estando vivendo mal, sexo, sempre acontece . No entanto, o que interessa pra mim, é você. Você é sempre assim, tão possessivo?

Atir

VI

Narvil:

Por favor, que ciúme doentio é este meu amor... Você me deixa tão acuada que no lugar da carta, enviei o rascunho pela metade. Excluir a carta, perdão. Pare com isto, permita-se ser feliz (comigo é claro). Não tem ninguém enganando ninguém. Como uma mulher apaixonada, viciada no homem, pode dormi com outro? Olha Narvil, sou uma pessoa extremamente reservada, mas, quando me apaixono (o que é raro acontecer),mas aconteceu, me transformo numa fêmea irracional e imbecil. Vivo exclusivamente para o homem amado. Estou me sentindo ridícula, idiota, implorando o amor de um homem que insiste em manter-se "incógnito". Por favor, fale comigo, estou aguardando...

Atir

VII

Narvil:

Suas palavras me encantaram. Gosto de ser avaliada acerca dos meus artigos. Afinal, a avaliação é um elemento de reflexão contínua para o escritor e o leitor. Grata pela sua opinião. Sinto-me lisonjeada com suas palavras. Quanto ao blog literário, gostei muito! Você tem competência. Para ser competente precisamos dominar conhecimentos. Mas também devemos saber mobilizá-los e aplicá-los de modo pertinente à situação. E você o faz de forma admirável, parabéns pela argúcia do pensamento. Gostaria de não perder contato com você. Sabes usar sabiamente a capacidade verbal para impressionar a fêmea.

Atir

VIII

Narvil:

Suas palavras generosas e afetuosas me fizeram perder o poder de síntese. Agradeço às manifestações de apreço aos meus riscos e rabiscos. Meu fiel leitor, reli sensibilizada, sua biografia. Percebo claramente sua eloquência. Esse dom, não é p/todos. Só para os iluminados. Narvil, nós temos uma aliada: a arte. Que é redentora e salvadora. Quando nos perdemos na selva da existência, ou dentro de nós mesmos, a arte nos ajuda "catar-se".

P S - Grata pelo convite. Farei uma leitura apurada, gosto do seu estilo. Pescarei as entrelinhas

Atir

IX

Narvil:

Por quem me tomas? Eu nada omitir, apenas não achei necessário dizer a você que havia alguém interessado em mim. Ora, se não havia interesse da minha parte. Por que razão

colocaria “minhocas” na sua cabeça? Você havia dito que não enviaria e-mail naquela semana, precisava terminar um livro. Então eu fui à praia.

O que é prazer e felicidade pra você? É transar com qualquer pessoa, independente de afinidade, admiração? O tesão é suficiente? Se pensas assim, paciência, eu não! Eu preciso da paixão, do envolvimento, da admiração. Vejo essa pessoa apenas como amigo, nada mais. Ele bem sabe... Por esse motivo, estou prestes a perder uma boa amizade. Estou totalmente envolvida com você. Nas horas ante o sono, é você que ronda o meu quarto.

Atir

X

Narvil:

As considerações feitas sobre a crônica no AG, que você disse não passar de um exercício retórico, uma discussão dialética, enfim um jogo de palavras, uma ficção, deixaram-me irritada. Narvil, no momento em que você fez as considerações supracitadas(no seu blog), eu senti você não apenas distante de ATIR, mas inimigo da arte.

Não há maior inimigo dos bens culturais do que a preocupação de transformá-los em logicidade pura. Foi o que aconteceu quando você esvaziou aquele texto poético (Paixão Virtual) de seu conteúdo. Você o transformou em algo frio, sem forma, sem correspondência com o sonho, a fantasia, até mesmo com a Arte.

Querido Narvil, deixemos estas tendências logicistas no Direito. Você “homem pensante”, arrancou o elemento valorativo do texto, deixando-o sem sentido.

Imaginemos que repentinamente a Humanidade se torne insensível, sem vibrações estéticas, por ter-se-lhe obliterado o sentido do belo. Que representariam então os museus, como o Louvre, ou do Vaticano? Uma coleção de coisas, uma reunião de objetos em que nada vibra. Pedacos de granito ou de mármore, blocos de bronze, retalhos de telas, algo que se parte, que se fragmenta. Poder-se-ia “explicar” o material todo, mas já se não poderia “compreender”

Eu apenas tornei explícito (de forma poética) aquilo que estava implícito.

Desabafei.

Atir

XI

Carta para Narvil:

Cada minuto de nossas vidas nos faculta aprendizado e prática, registrando, tanto em nosso cérebro, como em nosso espírito, todos os acontecimentos vividos.

Entretanto costumamos deixar a vida passar sem prestar atenção. Temos o foco que almejamos, mas no percurso muitas vezes cometemos falhas, ações e atitudes erradas.

Precisamos descobrir o que é positivo para nós. Aprender e reaprender todos os dias.

Será que não está tomando uma atitude precipitada quando diz que irá arrancar-me do teu coração? Que não mais escreverá para mim? Que fiz um papelão?

Às vezes, nos consideramos os mais corretos e, achamos que o outro é que está equivocado, então tomamos atitudes que podem fazer estragos em nossos relacionamentos sejam eles de que ordem for.

É impressão, ou sentes ciúmes de mim, quando falas no outro amor presencial?

Quero que saiba que tua presença na minha Caixa de e-mail me agrada, sua forma de compor as palavras me fascina, deixa-me desejosa de ti. Não sabes como busquei sua ausência ausente no vazio da solidão acompanhada de amigos. Quero sua presença presente ao menos na tela do meu computador, para que eu possa lê-lo e acarinhar as palavras como se fossem você. Não tenha dúvida, viciiei-me em você: Amo-te, idolatro-te, adoro-te.

Eis-me aqui toda tua ... Ah,... não aceito a separação prematura de um amor sonhado infinito. O que fazer, se tanto me envolvi, tanto amei, tanto quis, para agora tanto sofrer.

Volta, faz-me de novo enlouquecer com tuas palavras.

Atir

XXII

Atir:

Não pensei que neste coraçãozinho habitasse tanto ódio. Depois de tantas palavras bonitas e sedutoras, sou esrachado de algoz, frio, sedutor, calculista e tripudiar sentimentos atrás de um teclado. Somente a palavra “algoz”, tornar-me-ia o mais ínfimo dos homens. O algoz é cruel, desumano, sem escrúpulo... Não entanto, o escrúpulo e a ética me perseguem, tenho sido sacrificado por esses princípios. Não sou cruel, não sou sedutor e não sou frio se o fosse, teria alimentado de mentiras sua alma bondosa. Procedi exatamente diferente. Tudo que lhe falei, falei com o coração e não com a razão: você trouxe-me a vontade de viver.

As considerações que fiz em sua crônica no AG, não passam de um exercício retórico, uma discussão dialética, enfim um jogo de palavras, uma ficção.

Não lhe mandei uma sobremesa fria, mandei-lhe várias mensagens bonitas, inclusive, um slide com muitas mulheres bonitas não siliconizadas e ainda brinquei: - qual dessas mulheres você se parece? - hoje, recebo este torpedo de palavras amargas.

Para mim, bastar-me-ia gozar de sua inteligência e de sua sabedoria, de sua amizade. Nem sempre se possui tudo que deseja, mas é salutar valorizar o que se tem.

Não posso e não desejo lhe impedir que tenha outras opções, se pudesse lhe impediria, pois esta semana não mais produzir nada pensando no que você tem me falado com carinho.

Abro a uma pasta com o nome de “Atir” e fico analisando cada palavra, cada frase...

Enfim, garanta-me pelo menos que poderei contar com sua amizade e sua orientação intelectual.

Narvil

XIII

Narvil:

Ah,... Narvil, Narvil, estou lendo sua mensagem feliz da vida, sorrindo feito uma tolinha. Por favor, nunca mais faça isto comigo. Sofri, chorei, desiludir-me, enfim, continuo louca por você. Eu pertencço a você, por que não queres enxergar? Pelo amor de Deus, enterre o orgulho, nunca mais brigue comigo, viu? Agora mais que nunca eu preciso do seu toque, do seu carinho, do seu beijo, do seu tesão, de tudo, tudo! Quanto à foto, estava de cabelo molhado e preso, o fotógrafo do jornal clicou. Mas é a outra foto que permanecerá. Não cortei o cabelo, por sinal, está bem crescido, abaixo do ombro. Não entendo, por que fala tanto em me decepcionar? Pare com isso. Quanto ao livro, já é outro que pretende publicar? Olha, estou pressentindo como tudo isso vai acabar ... Quero que saiba que em momento algum, brinquei com os seus sentimentos. Às vezes também acho que estou ultrapassando o bom senso na busca do objeto do meu desejo. Quem mandou, viciou-me em você, agora arque com a situação. De que forma? amando-me, saciando a minha fome de ti.

Atir

XIV

Atir:

Esses dias, eu também tenho sofrido sem sua presença no meu e-mail, realmente, fiquei magoado com você não me ter respondido aos e-mails que lhe mandei e depois me disse que estava num “luau” com os amigos... Não me disse com quem foi e somente na quarta-feira da semana passada me deu as respostas das mensagens que lhe enviei. Quando você me falou das marcas do biquíni desejei ser um Einstein para transformar matéria em energia, adentrar no seu e-mail e ir lá beijar cada pontinho dessas marcas, cada pontinho do seu corpo... Sou ciumento, quero você só pra mim, nem que seja no meu pensamento.

Fiquei magoado, mas jamais terei ódio, pois eu te adoro, não pense que não estava morrendo por dentro sem lhe falar! Porém, o meu orgulho é maior, estava pedindo aos céus que o fizesse primeiro.

Li o seu artigo sobre ciúme, para mim é redundância dizer que você escreve cada vez melhor, todavia, fiquei deslumbrado com sua foto. Acho que fez um novo corte de cabelo e está linda, fiquei lhe comendo com os olhos, tenho medo de lhe decepcionar, como diz o vulgo: “você é muita areia para o meu caminhãozinho”, você é linda!...

Esta semana, dei um passo maior no meu novo livro, eu estou na página 63 e espero fechar o trabalho na página 120 se Deus e você me derem força... Não sei como tudo isso vai acabar... Quero morrer de amor em seus braços...

Às vezes, acho que estás brincando com os meus sentimentos, fico preocupado de estar fazendo papel ridículo.

Continuas dando o seu e-mail, precisa? Não basta a foto, o nome e sua função na UESC?... Continuo apaixonado, eu te amo, mulher de letras...

Narvil

P. S.: redigir este recado pela manhã, cedo, assim que li as suas mensagens, o meu provedor de internet está uma droga, já fiz várias queixas, não sei o horário que vou lhe mandar, perdoe-me pelo atraso.

Um beijinho naquele lugar aveludado e mais apetitoso do seu corpo...

XV

Narvil:

Estou seguindo o seu aconselhamento. Apostando num outro tipo de relação. Como diz o velho ditado: “sentir dor é inevitável. Sofrer é opcional”.

O meu sumiço foi provocado por você, Narvil. Enviastes um cartão no “Dia das Mães” (lindo por sinal). Entretanto, como sobremesa, veio um e-mail com palavras de uma frieza imensurável que dizia: “Estou torcendo por você, tenho certeza que vai encontrar alguém para dividir seus medos, angústias e ideais”. Lembra? Sendo que dias antes você confessava está também apaixonado. Eu prefiro uma pessoa em que as palavras ditas são coerentes com as atitudes tomadas... ou seja, se diz que está apaixonado, que pensa na pessoa 24 horas por dia, que quer... age como quem quer, não tripudia. Porque o amor definitivamente não pode ser enlouquecedor. Eu estava apaixonada! Por um algoz, é claro. Um cruel, frio e calculista “homem pensante” que escondeu-se por detrás de um teclado de computador, com dedos treinados na arte de seduzir, de tripudiar... Sei que nesta história, tenho mais culpa que você. Pois gostava de sentir minhas emoções e sensações intensificando-se velozmente. Gostava de suas palavras fortes, cheias de segundos sentidos.

Você conseguia me deixar intensamente provocada, submetida, envolvida... Vibrava com suas palavras, ao vê-las nuas, sedutoras, sem as algemas dos preconceitos tolos. Sentia um inexplicável prazer de te saber capaz de “aguçar” as minhas emoções, de me sensibilizar de um modo tão completo e avassalador, sem outros recursos, para além da escrita e do teclado de um computador.

Enfim, não estou me despedindo, muito menos dizendo “ADEUS”. Estou apenas optando por não sofrer. Estou também optando por uma relação que não tenha como base, o medo da proximidade, do toque, da vida real.

Quanto a você “homem pensante”, espero que continue sabendo driblar os destemperos conjugais. Eu não consegui driblar os meus. Claro, como você mesmo disse: eu não aprendi com você: sou sonhadora, tenho idéias fúteis, dos fracos (pusilânimes).

Talvez você tenha mesmo razão: nada sei sobre o “amor e a paixão”. A resposta deve ser porque apenas **amo**. Certamente que só o tempo e a vida ensinam como fazer uso da arte de tripudiar, seduzir, como um algoz frio e calculista. Como uma aluna ainda em treinamento, creio que o maior desafio é aprender brincar com os sentimentos das pessoas. Quem sabe, ter vivenciado tanta proeza, tanta mestria, eu aprenda logo, logo. Até a próxima! **Atir**

XVI

Atir:

Gostei do seu último artigo o “condão” dos marqueteiros e notei que você tem mais segurança nesses textos de natureza de jornalística, mais do que nos textos de natureza literária. Não que não haja talento nos seus textos literários, porém, lhe achei mais dona si, menos superficial e mais desenvolta nesse último artigo do AG.

Você teceu tão bem o trabalho de Marketing em que um corrupto como Collor de Melo seja transformado em pouco tempo, num caçador de marajás.

Além disso, você enxerga a necessidade da transparência, que o processo democrático se faz com a discussão contrária de idéias.

O seu feeling nesse artigo está mais apurado e quero registrar que dentre pouco tempo suas crônicas estarão nos principais jornais do país.

Não sei se lhe fui útil, mas depois que você abandonou os “PS”, os seus textos estão a níveis profissionais.

Mudando de alhos pra bugalhos, não sei o que lhe fiz para tanta indiferença, mandei-lhe um mundo de e-mails e mensagens e tive o silêncio como resposta. Será que eu sou tão pérfido assim? A vida nem sempre nos oferece benesses, temos frustrações, desencontros e incompreensões... Quê bom se as flores fossem só perfume e os seus galhos não tivessem espinhos para nos furar?...

Gostaria de ter sua compreensão, mas respeito sua atitude e desejo-lhe que encontre o caminho da felicidade. Para mim, tê-la como amiga seria uma dádiva e mais que amiga, seria a ventura que ainda não tive.

Continuarei o seu leitor, entretanto, não sei se continuarei metendo o nariz onde não fui chamado, a inconveniência é um pecado social e não quero mais um pecado, senão, não entro no céu, pois os tenho demais...

Narvil

XVII

Narvil:

Oi, meu amor! Objetiva, não sei, pois ainda não consegui fazê-lo entender o meu amor, a admiração que sinto por você. E creia, a mulher só ama quando admira. Romântica sou ao extremo. Narvil, acha mesmo necessário especificar com quem fui à praia? Bem, com amigos, no meio, um que deseja ser mais que amigo... Com você na cabeça e no coração! (imbatível). Meu amado, quanto ao e-mail no jornal, sou obrigada usá-lo. Sabe por quê? Antes eu não usava, então o que acontecia: enviavam e-mail para o jornal e a minha vida além de ficar exposta, eles não repassavam. Quando encontrava leitores, eles reclamavam

sempre. Enviei e-mail para o jornal, mas você nunca responde. Esta é a razão de usá-lo nas edições do "jornal privacidade". Um beijo.  Viu só, você conseguiu juntar os caquinhos do meu coração.

Atir

Narvil:

Meus pensamentos te buscam, rendo-me, nada me faz esquecer-te.

Disse que queria morrer de amor em meus braços... Vem, eu sei o que fazer com meu insubordinado desejo. Prometa para mim que faremos amor ao som daquela canção belíssima que veio acompanhando a mensagem que você enviou: "rosas de Aristóteles-Revolução da alma". Só penso em você, só quero você...

Atir

XVIII

Narvil:

É realmente difícil saber quem nos faz mais mal: "inimigos com as piores intenções ou amigos com as melhores".

Meu amigo tinha mesmo razão quando disse, que estou resistindo a algo que precisa parti e eu não quero aceitar essa possibilidade.

Olha aí, só agora percebi que ele tem toda razão. Você de mala pronta diante de mim, tão frio, tão seco, tão cruel... e eu aqui, chorando, pedindo que fique.

Só não posso impedi tua partida, se pudesse, o faria.

Atir

Narvil:

Suas palavras generosas e afetuosas me fizeram perder o poder de síntese. Agradeço às manifestações de apreço aos meus riscos e rabiscos. Meu fiel leitor, reli, sensibilizada, sua biografia. Percebo claramente sua eloquência. Esse dom, não é p/todos. Só para os iluminados. Narvil, nós temos uma aliada: a arte. Que é redentora e salvadora. Quando nos perdemos na selva da existência, ou dentro de nós mesmos, a arte nos ajuda "catar-se".

PS- Grata pelo convite. Farei uma leitura apurada, gosto do seu estilo. Pescarei as entrelinhas...

Atir

XIX

Narvil:

Às vezes, treinamos nosso "olho" apenas para aprender a ver, mas, essa atitude pode ser enganosa e esconder o fato de que o que podemos praticar é o discriminar e não o ver. Dificilmente esse tipo de olhar vê a realidade em sua essência, poderá distinguir nessa realidade apenas manifestações cuja apreensão nos são transmitidos pela cultura. Entretanto, quando conseguimos organizar os dados sensíveis da realidade de maneira a ser possível reconhecê-la em certos elementos significativos, a visão do real dessa mesma situação, não ficará registrada em dados aleatórios, insignificantes, fora de sua essência. E você, caríssimo leitor, sabe ler, sabe pensar, sabe degustar, sabe olhar, sabe sentir... Enfim, você é admirável Quanto à nova edição do blog, dizer o quê? Está ótimo! Será que sou merecedora de tanta credibilidade? Um abraço de sua admiradora.

Atir

XX

MUTANTE—MULHER

Vejo-me mutante, com sentimentos misturados, camuflados, paralelos. Vagueio num sonho utópico, erótico, fugaz, deixando fluir meus devaneios nos mais diversos momentos...

Meus desejos são intensos, rugem do lado de fora de sua jaula.
A cada mutação erótica, eles ficam mais inatingíveis no mundo real.
Nessa mutação, meus sentimentos florescem sozinhos, na solidão e na loucura.
Na solidão, atravesso um deserto afetivo. Sedenta, vagueio até “PASÁRGADA”, numa busca ofegante pelo amante ideal: olhar manso, onírico (que nos faz sonhar) mas que seja detentor de uma beleza enérgica, moleque, sapeca, menino, “homem”...
Lá, provavelmente o encontrarei.
E quando encontrá-lo, que ele possa me desnudar, tirar a roupa que me vestiram, não apenas para me ver nua, mas me sentir nua, provocar minhas necessidades,
Violar minhas possibilidades, para então, me integrar,
Possuir-me...

Atir

XXI

Narvil:

**Suas palavras me encantaram. Gosto de ser avaliada acerca dos meus artigos. Afinal, a avaliação é um elemento de reflexão contínua para o escritor e o leitor. Grata pela sua opinião. Sinto-me lisonjeada com suas palavras. Quanto ao blog literário, gostei muito! Você tem competência. Para ser competente precisamos dominar conhecimentos. Mas também devemos saber mobilizá-los e aplicá-los de modo pertinente à situação. E você o faz de forma admirável, parabéns pela argúcia do pensamento. Gostaria de não perder contato com você. Sabes usar sabiamente a capacidade verbal para impressionar a fêmea.
um abraço.**

Atir

XXII

Carta para Atir

R. Santana

Querida Atir:

Hoje, li e reli suas correspondências. Suspirei e degustei cada palavra e cheguei transpirar de emoção. Suas palavras me transportam para adolescência, elas têm um efeito mágico, acho que só uma pessoa especial pode expressar tanto encanto.

Às vezes, gozo de alegria quando tu me tratas de “homem pensante”, como se fosse possível pensar um homem apaixonado. O homem apaixonado age, o homem pensante deita-se na rede dos seus pensamentos e fica preso aos ditames da razão. Se tu me perguntares quais dos dois homens que mais admiro, dir-te-ei, apenas, que a razão é a feiúra do ser e a paixão a face bonita da alma. Loucura? Sim! Há algo mais bonito do que a loucura do bem querer? Não! Por isto, convido-lhe para uma elegia à paixão.

O amor é um sentimento fraco, racional, de renúncia, de compreensão, pálido, próprio das almas fracas; enquanto a paixão é um sentimento forte, de posse, irracional, que rejeita preceitos moralistas e a renúncia é execrada. Acho que Nietzsche diria que o amor é o sentimento do homem inferior, do débil de vontade, do fraco de poder e a paixão é forte, inconseqüente, destemida, própria dos caracteres fortes e impávidos, traço do super-homem nietzschiano.

Bem, acho que tens razão quando tu me chamas de “homem pensante”, pois desde que te conheci não fiz nada para romper os grilhões das circunstâncias e ter corrido ao teu encontro, te possuir e publicar ao mundo que estou apaixonado por uma mulher que me seduziu com palavras.

Goethe teve razão ao afirmar que: “pensar é fácil. Agir é difícil. Agir conforme o que pensamos isso ainda o é mais”. Tu tens razão, repito, estou na categoria dos fracos dos pusilânimes, dos homens pensantes...

A história está cheia de homens pensantes e homens apaixonados. Quem conhece o poema de Dirceu e Marília de Tomás Antônio Gonzaga que no seu desterro africano dedica à sua amada Maria Dorotéia. Sentimento arrebatador e impossível que só finda com a morte do poeta. Marília de Dirceu é um culto ao amor e não à paixão.

Mas se tu, Atir, leres o Conde de Monte Cristo de Dumas, verás a diferença do amor e da paixão. Edmond Dantes, preso por uma conspiração política, após uma noite de amor com sua Mercedes, é mandado para uma ilha distante e permanece no calabouço por anos a fio e lá tem a ventura de encontrar na prisão o abade Faria que lhe deixou um tesouro, uma fortuna incalculável.

Dado como morto pelos falsos amigos e esquecido por Mercedes, volta à França, depois de salvar o seu filho de um encenado seqüestro em Roma, arruína o seu principal inimigo, Fernand Mondego, marido de Mercedes e pai intruso do seu filho e Mercedes.

Castro Alves, homem de muitas paixões e nenhum amor. Moço bonito, vozeirão possante, além de poeta, passou à história como um dos homens mais apaixonados do seu tempo.

Talvez, tenha amado Idalina, jovem pernambucana, mas sua paixão desmedida foi a atriz portuguesa Eugênia Câmara. Naquela época, atriz e prostituta se confundiam, Castro Alves não teve pejo, desfilou com sua amante Eugênia Câmara nos teatros, concertos musicais e saraus da Bahia, Rio e São Paulo, sob a censura de famílias tradicionais, a rejeição de alguns amigos e o olhar de concupiscência dos invejosos.

Dentre as mulheres apaixonadas da História, não se pode esquecer de Messalina, a terceira mulher do imperador Cláudio que numa noite de amor nos jardins do palácio, papou vários cortesãos, colocando uma coroa na estátua do deus Eros, a cada ato de prazer e pela manhã, expressa sua insatisfação erótica na célebre frase: “estou cansada, mas não saciada”.

A rainha egípcia Cleópatra também usou e abusou do seu corpo para se manter no poder, seduzindo Júlio César, imperador romano, general de muitas batalhas. Júlio César, primeiro dos césares, não resistiu aos encantos sexuais da rainha de nariz aquilino e a história registra que até filho lhe deu.

Mas a paixão de Cleópatra era movida mais por interesse de poder do que por apetite libidinoso e quando César foi assassinado por Brutus, Cleópatra se joga nos braços de Marco Antônio, principal triunvirato do governo de Roma e lhe deu dois filhos, morrendo depois picada por uma cobra, quando percebeu que suas urdiduras e faceirices deixaram de ser.

Maria Madalena, Maria Antonieta e Joana D’Arc são símbolos de paixão e de luxúria desmedidas e não símbolos do amor. Todavia, a História e a Igreja Católica redimem os pecados de Maria Madalena depois do seu encontro com Jesus Cristo.

Capitu de Machado de Assis - olhos de ressaca, oblíquos e dissimulados -, é talvez, o símbolo da mulher que mais sofreu e morreu por amor. Injuriada por Bentinho de tê-lo traído com Escobar, seu principal amigo e confidente. Com a morte de Escobar, Bentinho vê no seu filho Ezequiel, à medida que cresce, a ressurreição de Escobar noutra corpo. Capitu sem voz e sem vez, é levada a um exílio forçado pelo marido, que a deixa com Ezequiel em um país da Europa, longe de tudo e de todos, sem lhe conceder o benefício da dúvida. Anos depois, ela morre por amor, ultrajada, esquecida e abandonada. Ezequiel,

Escobar aos olhos de Bentinho, é quem lhe dar a notícia, morrendo logo depois numa expedição científica no Egito se não me falha a memória. E assim, fecha-se a história de uma mulher que desde adolescência amou e enamorou o seu único homem: Bento Santiago. Querida Atir, depois desta enxurrada de palavras, prolixidade e exemplos, de paixões e de amor, rendo-me às tuas palavras de “caríssimo”, de “homem pensante”, de “sua admiradora”. Fazer o quê? Nada! Não tenho a têmpera dos fortes, o destemor dos valentes. Se bebesse iria afogar as minhas mágoas num copo na mesa de um bar como fizeram Noel e Vinícius, resta-me então, dizer-te: tu tens razão mulher de paixão!...

Do homem pensante,
Narvil

XXIII

A palavra e o tijolo
R. Santana

A palavra é o tijolo do pensamento. É com a palavra que se constrói o alicerce, as paredes, os cômodos e o teto dos conceitos e dos sistemas teóricos. Às vezes, uma palavra sozinha encerra um significado.

Na construção do aprendizado de uma criança, os símbolos abecedários constituem os primeiros tijolinhos do seu pensamento. Assim como as paredes em estado de inércia, os símbolos também não emitem sons como letra morta, mas basta a ação de um agente externo para que as palavras tornem-se fonemas significativos ou sem significados nos casos de sons produzidos pelos ruídos e barulhos.

A criança começa juntando os grafemas abecedários como se fossem o barro in natura do tijolo e os coloca na forma da palavra, construindo pouco e pouco os seus primeiros tijolinhos e as suas primeiras paredes.

Wallon, Piaget e Vygotsky, que estudaram o desenvolvimento da inteligência, a mente dos indivíduos, as fases e os processos de aprendizagem, reconheceram o valor da palavra como expressão máxima do pensamento.

O Evangelho segundo João, no Capítulo I, diz lá: **“NO princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”** Ou seja, Deus fez o mundo usando a palavra como princípio de todas as coisas.

Quem tem o dom da palavra arrasta multidões e a História está cheia de homens que construíram e destruíram nações com o uso da retórica, a exemplo de Cícero, Demóstenes, Lênin, Ruy Barbosa, Padre Vieira, Plínio Salgado, Hitler, Mussolini, Churchill, Júlio César e tantos outros gênios da humanidade.

Do ponto de vista lingüístico e retórico, é de somenos importância se eles fizeram o uso da palavra para promoção do bem ou do mal, porém, faz-se jus reconhecer que esses tribunos, esses oradores, usaram uma linguagem acessível às massas.

A palavra, assim como o barro, matéria prima do tijolo passa por um processo de transformação até ser incorporada à língua culta, convencional. O barro é extraído da terra, colocado na forma, levado ao fogo de enésimos graus Fahrenheit, depois de tijolo, é usado

para levantar paredes, casas e prédios. A palavra nasce na boca do povo pela necessidade de comunicação, conceituação, ela é transformada, é assimilada e vira escrita.

A palavra “você” é um exemplo vulgar de transformação, inicialmente, usado como “cê”, “ocê”, “vosmicê” e “você” incorporado à língua culta.

A palavra “menas” ainda é usada pela maioria absoluta das pessoas incultas, boa parte das pessoas “cultas”, mas ainda não foi incorporada ao português e a palavra “menos” prevalece, mesmo que o porteiro do prédio diga: “... hoje, teve **menas** gente do que ontem”.

Não se assuste leitor, se não for corrigido e combatido, a palavra “próprio”, não for substituída por “**própio**” de tanto “cultos” e incultos cometerem este vício de linguagem.

Às vezes, os boçais e os menos boçais jactam-se de sua erudição e refere-se a um instrumento visual conhecido por “óculos”, por “meu óculos”, “o óculos”, ao invés de “meus óculos”, “os óculos”, é que esse instrumento da visão tem duas lentes.

Se alguém fala “meu ônibus”, ele tem toda razão, salvo se ele tem vários ônibus, é errôneo ele dizer “meu ônibus”, mas “os meus ônibus”.

Porém, a palavra como o tijolo, não importa o defeito, importa se o resultado é necessário, ou seja, se naquele instante, a palavra e o tijolo têm finalidade em si. O defeito do tijolo fica dentro da argamassa e do reboco. O defeito da palavra é corrigido pela lógica de sua origem, pelo bom senso, pelos filólogos, e lingüistas.

O leitor desta crônica não fique preocupado depois de lê-la. Essas questiúnculas são de somenos importância: a finalidade da língua é a comunicação.

Chacrinha tinha como slogan: ‘... quem não se comunica se trumbica’. Ao fechar esta página, um ilustre soldado sindicalista da briosa polícia baiana, numa entrevista radiofônica, falava “muler”, “poblema” e outros vocábulos sem pernas e sem mãos, mas pensa o leitor que foi uma entrevista ruim? Ledo engano. Foi uma entrevista supimpa, proveitosa, comunicativa e não a trocaria pela entrevista do seu coronel!...

XXIV

Nova carta para Atir

Querida Atir:

Ah Atir, tu não aprendeste ainda a diferença entre o amor e a paixão, os dois sentimentos que dominam as ações humanas. Não adiantou os inúmeros exemplos que te dei na carta anterior de figurinhas conhecidas na história humana. Ah Atir, tu és uma mulher inteligente, mas tu não perdeste ainda a aura sonhadora, mesmo longe os anos de tua adolescência.

Acho que tu não acreditaste em mim, nos meus conceitos, tu fizeste bem, eu não possuo nenhuma autoridade no amor e na paixão, porém, tenho a leitura e a experiência vivida nos outros. E a História está eivada desses exemplos, além de pescar nas águas e na autoridade do Aurélio a diferença desses dois sentimentos, vos tendes agora: “amor, sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa; paixão, sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão”.

Sartre, o filósofo da existência e Simone Beauvoir, sua companheira de tantos anos viveram esse amor descrito por Aurélio: cada um zelando pelo bem-estar do outro, mas cada um na sua... Entretanto, querida Atir, não poderia dizer o mesmo da paixão de Anita Garibaldi pelo revolucionário Giuseppe Garibaldi, cruzando mares e fronteiras, combatendo com paixão e entrega homens e conflitos, para ficar junto do seu homem e do seu herói.

Li a tua carta que fala de uma “paixão virtual” transformando o impossível em “factível” e “vende” uma imagem ideal. Ora Atir, por mais que eu admire a tua inteligência, a mulher, tua sensualidade, tua sedução, permita-me lamentar a tua ingenuidade e a tua imaturidade na paixão e no amor.

O que tu chamas de “paixão virtual”, “sensualidade nas palavras”, eu diria: “comunicação virtual”, “fantasia”, “devaneio”, “sonho” e “imaginação”.

O amor é um sentimento abstrato enquanto categoria gramatical, mas este sentimento não prescinde do físico, do palpável, diz a sabedoria popular: “quem ama o feio bonito lhe parece”, ninguém ama o que não conhece. Não estou me referindo somente ao físico, concordo contigo e com o pensador que disse: “as palavras são corpos tocáveis, sereias visíveis, sensibilidades incorporadas”, as palavras bem articuladas têm o poder de formar imagens, construir sentimentos, ideais e sistemas, mas tudo é concreto ao nível do pensamento.

A paixão não tem limite, não obedece às filigranas morais, não tem preconceito e não tem nada que impeça os apaixonados viverem e morrer por suas paixões.

Atir querida, tu fujas desses pensamentos e dessas práticas virtuais. Não contentas e não induzas os incautos às paixões virtuais, pois com o advento da Internet, essas paixões não passam de perversões sexuais, de sadismos virtuais, de doenças mentais, com os egos e as imagens deformadas, às vezes, trazendo angústias, desesperos e frustrações com a imposição da realidade.

A dor física é passageira, mas as dores da alma de sentimentos frustrados, de sonhos desfeitos e de esperanças exauridas são perenes, eternos. Por isto Atir, não uses as tuas palavras, o teu conhecimento, para espalhardes falsas ilusões, pois debaixo de palavras ingênuas, subjacentes, tu estás espalhando sentimentos de perversão e maldade.

Há crime maior do que manipular mentes? Não! No Direito tem lá a figura do “autor intelectual”, que é tão ou mais perigoso do que aquele que pratica a ação. O autor intelectual é o dono da idéia, é aquele que planeja, corrompe pessoa e alguém executa. Não obstante possuir uma desenvoltura intelectual excepcional, em circunstâncias adversas, é um mau caráter medroso, pusilânime.

Enfim, continuo te admirando pela inteligência, pela desenvoltura das palavras, pela arte de escrever, mas condeno a tua apologia virtual, tua retórica e tua imaginação fúteis, comuns aos espíritos menos elevados e não a ti.

Do homem pensante,

Narvil

Amado Jorge

O nosso amado Jorge Amado não nasceu para pertencer a um lugar, mas nasceu para ser universal. Seus biógrafos tiveram o trabalho inicial de delimitar o lugar do seu nascimento por conta de algumas interpretações bairristas dos seus conterrâneos. Porém, nunca houve dúvida que Jorge Amado era brasileiro, baiano, adepto do candomblé e era Obá de Xangô no Ilê Opó Afonjá, comunista, jornalista e escritor. Todavia, tergiversava-se se ele era soteropolitano, ilheense, itabunense, pirangiense, itajuipense ou mesmo filho da fazenda Auricídia. Naquela época, com exceção da jovem Itabuna, tudo era município de Ilhéus, conseqüentemente, para os doutos de meia tigela, Jorge Amado era ilheense. Entretanto, a história é construída de fatos verdadeiros que podem ser dúbios no nascedouro, mas incontestáveis no final: Jorge Amado foi registrado em 10 de agosto de 1912, Ferradas-Itabuna, Bahia, Brasil e ponto final.

Na minha juventude, estudante do antiqüíssimo curso “científico”, hoje, com o rótulo de médio, comecei gostar de literatura. Li os românticos, os realistas, os simbolistas, os parnasianistas, os barroquenses, escritores brasileiros e portugueses. Tudo lindo, tudo bonito, gênios da palavra, mas fiquei enamorado dos modernistas, dos regionalistas. Quem não viaja na leitura de uma Rachel de Queiroz, de um José Lins do Rego, de um Érico Veríssimo, de um Adonias Filho, de um Graciliano Ramos, de um Jorge Amado e por aí afora? Todos.

Claro que não se pode empanar o gênio de um José de Alencar, de um Bernardo Guimarães, de um Eça de Queiroz, de um Camões, de um Castro Alves, de um Fagundes Varela, de um Artur de Azevedo, de um Aluísio de Azevedo e de um Machado de Assis. Todavia, para o tabaréu que sou, sem muitos dotes intelectuais e culturais, a prosa regionalista que fala da terra, do chão que piso, das mazelas não muito distantes de um povo ignorante, de pouco saber, é essa prosa que gosto. E, quem pintou com cores fortes, divertimento, lucidez e ousadia essa prosa regional? Jorge Amado!...

Comecei ler Jorge Amado depois que sua obra mais conhecida “Gabriela, cravo e canela”, virou novela, na Rede Globo, adaptação de Walter George Durst, com Sônia Braga, José Wilker e Paulo Gracindo nos papéis principais. Lembro-me que antes dessa novela, havia uma censura velada de suas obras, uma rejeição subjacente dos intelectuais, por considerá-lo desbocado, pornográfico, de poucos recursos gramaticais, uma subliteratura. As escolas, os professores, raramente usavam os seus textos na aprendizagem de seus educandos. Hoje, graças a Deus e ao bom senso, ele é um dos autores mais lidos e traduzidos em mais de 50 países, com adaptações no cinema e na televisão de suas obras. O erotismo de seus personagens, pode ser lido por ingênuos meninos que ainda estão fazendo a 1ª. Comunhão da Igreja Católica, comparado ao erotismo dos personagens de um “Budás ditosos” de João Ubaldo Ribeiro e de outros romancistas do gênero.

Sua obra “Gabriela, cravo e canela”, é um poema em forma de romance. Seus personagens possuem uma ingenuidade, uma simplicidade e uma pureza de sentimentos que somente Jorge Amado sabia descrevê-los Quando João Fulgêncio tenta justificar e compreender as

travessuras e a natureza infiel de Gabriela para o turco Nacib, o faz como se estivesse recitando um verso: “Nacib, certas flores são belas e perfumadas enquanto estão nos galhos, nos jardins. Levadas pros jarros, mesmo jarros de prata, ficammurchas,morrem”.

Em Gabriela, cravo e canela, Jorge Amado narra à derrocada política dos coronéis do cacau que governavam entrincheirados por jagunços, em que prevalecia o poder de fogo de cada fazendeiro para decisão e homologação de resultados eleitoreiros viciados e cheios de fraudes.

Os coronéis Ramiro Bastos, Melk Tavares e Amâncio Leal são os últimos remanescentes desse período arbitrário e autoritário das terras do sem fim. Esses personagens em Gabriela, cravo e canela, representavam um passado de lutas, de sangue derramado, de caxixes e de banditismo que duma forma ou doutra, tinham construído a civilização do cacau e Ilhéus era a cidade símbolo dessa civilização.

Por outro lado, Capitão, Doutor, Ezequiel e Mundinho Falcão, representavam o novo, o império da lei, novos métodos administrativos, novas ideologias estribadas em ações políticas comuns, cujo principal beneficiado era o povo.

O romance de Gabriela e Nacib, o crime da mulher do coronel Jesuíno e do seu amante, as raparigas e o cabaré de Maria Machado, eram os condimentos necessários para o tempero desse romance e dessa história da civilização do cacau. Onde já se viu uma civilização sem esses ingredientes? Mesmo as civilizações mais primitivas, têm lutas, têm crimes, têm traições, têm paixões, têm amores impossíveis e tem o homem.

Tocaia grande é a odisséia do cacau. A odisséia que Homero não escreveu porque não era baiano, mas a odisséia que Jorge Amado escreveu porque não era grego, com as cores vermelhas do sangue derramado dos jagunço e de homens que não arredavam pé do seu pedacinho de terra e terminavam estirados nos pastos servindo de comida para os abutres e de carniças para os urubus.

“Tocaia grande” é o foro onde o capitão Natário da Fonseca e sua corja assinam a escritura do crime da terra, outorgando ao coronel Boaventura Andrade o direito de estender seus domínios por sesmarias de terras virgens, sem dono. Transformando dentre em pouco, o maior produtor de cacau daquela época e tendo como principal dispêndio, a compra de duas dúzias de rifles e munição.

Em Tocaia grande, Tieta e Tereza Batista, são as obras que Jorge Amado mais explora o lado sensual e erótico dos seus personagens. O sexo, o sexo promíscuo das raparigas, das concubinas, das amantes e dos papa-crias, ele não ter sido considerado pela crítica especializada, durante algum tempo, um escritor de gênio universal.

Vejo em Dona Flor e seus dois maridos, A morte e a morte de Quincas Berro D água, o Jorge Amado místico, irreverente, que envereda nos fenômenos metafísicos com humor, hilariante, explorando o lado ingênuo dos seus personagens e sua miséria social, dando também, uma pincelada na sensualidade e no prazer que é a principal finalidade do homem para ser feliz. A morte não é o fim em si, mas uma mudança de plano.

Embora haja alguns senões da crítica especializada e Jorge Amado não tenha sido virtuoso, um mestre do idioma, foi um escritor preocupado em transformar seus vilões, em personagens vítimas de um contexto de exploração trabalhista e injustiças sociais. Não era um erudito, era um romancista popular. Não tinha a erudição autodidata de um Graciliano Ramos, de um José Lins do Rego, de uma Rachel de Queiroz e de um desconhecido Franklin Távora, que falam do sertão, dos cangaceiros e da fuga do sertanejo pela inclemência do sol e falta de chuva, pasto para engorda do gado, com maestria e leveza. Jorge Amado preferia explorar o lado romântico e mundano dos jagunços e dos coronéis. A

vida de engodo das meretrizes e concubinas, a carolice das sinhás e o fanatismo singelo e simples da maioria daquele povo que construiu o Sul da Bahia.

E, quando Jorge Amado adentrava em outras plagas literárias, a exemplo da biografia de Carlos Prestes em o Cavaleiro da esperança, e a história do comunismo brasileiro nos Subterrâneos da liberdade, ou quando ele dá uma de biógrafo em A. B. C. de Casto Alves ou quando ele narra as futricas, as intrigas, a ascensão e o poder da Academia Brasileira de Letras, em Farda, fardão camisola de dormir, ele torna-se um autor maçante, de erudição chata e superficial, mas o veio de um romancista desenvolvido, lúcido e inteligente que mesmo fora de sua seara faz história, é visível. Tomba, alquebrado pela idade e pela doença, o Obá de Xangô, em sua Bahia, na cidade de Salvador, em 06 de agosto de 2001, aos 89 anos, o maior romancista dos tempos atuais, do Brasil.

XXVI

Filho Adotivo

1

Estava tomando o famigerado “banho de sol”, fazendo uma reflexão da minha vida passada e da minha doença que me debilitava dia-a-dia. Já tinha perdido os movimentos dos pés, das pernas, das mãos (a doença ainda não me tinha afetado a voz), quando fui despertado pelo vozeirão do meu filho mais novo, que me acompanhava na minha caminhada ao calvário, na minha via-crúcis:

-Eh velho, tristeza não paga dívida e do mundo nada se leva, ânimo! – ele não gostava de me ver sorumbático, pra baixo.

-Estou aqui pensando na minha mocidade. Eu tinha saúde de atleta. Nunca fumei, nunca bebi além do social e, estou aqui à mercê das pernas e dos braços dos outros, numa cadeira de rodas. A vida nos prega cada peça!... – lamentei.

-Você não está à mercê de ninguém! Eu sou suas pernas e seus braços, pra quê braços e pernas mais fortes? Não está satisfeito com os meus cuidados? – perguntou-me.

-Não meu filho, não é isso. É que estou velho, mas não o bastante para ficar em cima numa cadeira de rodas. Você deixando os seus afazeres e os seus divertimentos para ficar pajeando-me. - Justifiquei.

2

Ano de 1983, mês de agosto, não me lembro o dia. Acredito que sábado ou domingo. É o dia que mais se encaixa pra fazer visita a um doente, quem trabalha nos demais dias da

semana. Eu e a minha esposa tínhamos ido visitar um velho amigo, um amigo velho, no hospital Manoel Novaes na cidade de Itabuna. Esse hospital tinha antigamente, uma unidade específica de acompanhamento às mulheres grávidas, trabalho de parto, um serviço de pediatria e um serviço geriátrico.

Hoje, esse hospital está voltado para o serviço de pediatria, obstetrícia e um banco de leite materno, referência em todo estado baiano pelo seu bom desempenho e pelo serviço social que presta à comunidade itabunense. Além desses serviços, tem uma unidade isolada, em seus terrenos, de atendimento ambulatorial de quimioterapia aos doentes de câncer.

Doente visitado, dever social cumprido, fomos ver os berçários e as mães daqueles pinguinhos de gente recém-nascidos. Num dos berçários, havia uma criança, de cor, órfã de mãe viva e pai ignorado. Soubemos pela enfermeira que a mãe da criança a tinha deixado lá para ser adotada. Sensibilizamo-nos com o caso, o que lhe permitiu nos perguntar se não tínhamos interesse em adotá-la:

-Não, temos duas filhas. Se fosse um menino, nós iríamos pensar. –respondemos-lhe.- Essa deixa foi o bastante para que assumíssemos um compromisso não escrito de adoção:

-Vocês adotariam se fosse um menino?...

-Sim!! - eu e a mulher respondemos uníssonos.

Depois vieram as explicações: era comum, mulheres solteiras e adolescentes pobres, abandonarem seus filhos, logo após o parto, para encaminhamento de adoção pela justiça. Quando não surgia ninguém interessado, a criança era encaminhada para algum abrigo, uma instituição pública.

Um mês depois, já tínhamos esquecido do compromisso de adoção, quando essa enfermeira nos telefona, avisando que se encontrava no hospital, um recém-nascido rejeitado pela mãe e lembrava o nosso compromisso:

-O senhor e sua esposa pediram-me para avisar-lhes quando um recém-nascido fosse rejeitado pela mãe. É um menino lindo e saudável! – procurou-nos animar...

Os mais velhos dizem que não é obrigado empenhar sua palavra, mas uma vez dada, faz-se necessário assumi-la. Por isto, não tergiversamos, no mesmo instante, pegamos uma velha “Brasília” e fomos buscar o filho que não parimos.

Esperávamos receber a criança formalmente, numa sala suntuosa, com os diretores do hospital e o juiz da Vara Criança e Juventude, fazendo um discurso ressaltando o nosso desprendimento, a nossa contribuição com a sociedade, impedindo que no seu seio um novo marginal fosse gerado ao tempo que nos eram exigidos compromissos escritos e registrados em cartório e homologado pelo meritíssimo juiz. Mas de balde foram nossas expectativas: a criança foi-nos entregue pela porta dos fundos, urinada e obrada, enrolada numa fralda, sem cerimônia, como se fosse um troço, uma coisa.

Levamos-lhe pra casa e demos-lhe carinho, amor, nome e sobrenome.

3

Doença não manda recado, principalmente, as genéticas. Lá no interiorzinho da célula, um gene mau caráter, herdado dos nossos pais, fica encolhidinho, às vezes por vários anos, quando ele resolve se manifestar, é que se descobre sua existência e sua nocividade. É mais ou menos assim que se explica a atrofia muscular espinhal – AME. É uma doença insidiosa, traiçoeira, que pouco e pouco vai se manifestando. Os movimentos voluntários dos membros vão se restringindo e enquanto se peregrina de médico em médico, ela já tomou conta do nosso corpo e o final é caixão e vela.

Alguns exames, a exemplo do eletromiografia, da biópsia muscular e do exame de DNA, detectam as alterações das fibras musculares, evidencia a histoquímica de desnervação, medem as atividades elétricas dos músculos, localizam, retardam, ajudam no tratamento, mas não curam essa doença.

Aos 40 e poucos anos de vida, na flor da maturidade, da atividade produtiva, sem nenhum vício, fui acometido duma atrofia espinhal progressiva de forma adulta e quando fui ter consciência de sua gravidade já estava em cima de uma cadeira de rodas.

A doença ainda não tinha afetado a minha fala mas pelo histórico dela, é esperar pra ver.

4

Diz o povo que Deus escreve certo por linhas tortas. Não me tornei pai adotivo por necessidade, egoísmo, gesto altruístico, filantropia ou realização pessoal. Tinha um casamento estável e duas lindas filhas, de 1 e 5 anos de idade. Mais um filho não fazia parte dos meus planos familiares, principalmente, adotivo.

A minha ida ao hospital naquele dia, naquele ano de 1983, para visitar um amigo doente, encontrar uma menina rejeitada num berçário, firmar um compromisso desnecessário com uma enfermeira quase desconhecida e menos de 30 dias depois, uma mulher qualquer, que não conheço o nome nem o sobrenome, despeja do seu ventre um menino que por capricho do destino torna-se meu filho, não tem explicação racional, é coisa de Deus. Estava escrito. Dez anos depois a minha primogênita teve a vida interrompida por uma leucemia com 16 anos de idade. O sofrimento foi grande e o baque maior. Só quem perdeu um ente querido sabe o estrago e a dor de um luto, em especial, a perda de um filho.

Porém, o relógio do tempo não pára, a vida continua. A dor é substituída por uma lembrança amiga. Eu e a mulher tínhamos, agora, o dever de cuidar de um filho adotivo de 10 anos de vida e uma filha um ano mais velha.

No ano de 2004, a segunda filha casou-se. Quem casa quer casa, hoje, ela cuida do marido e dois enteados que herdou. Quem contrai obrigação, adquire mando e autoridade, o pai é substituído pelo marido. Embora seja uma boa filha, a distância e os novos compromissos, filha casada é visita.

5

Naquela manhã, quando esse filme passava na minha cabeça, em cima de uma cadeira de rodas, é que pude comprovar quão significativa é a sabedoria popular. Se Deus desse ao homem o seu saber, sua onisciência, o sofrimento do homem começaria no ventre materno porque saberia a priori o seu fim. Para mim foi bom eu não saber o meu fim, pois não aproveitaria como aproveitei sem presságios, a minha juventude e parte da minha maturidade. O amanhã a Deus pertence.

Pude comprovar que ninguém procura o outro por acaso. E se Saulo me procurou naquele hospital para ser seu pai é que ele tinha por desígnio ser as minhas mãos e as minhas pernas nessa difícil caminhada. Seu vozeirão ainda ecoa dentro de mim:

“Eh velho, tristeza não paga dívida e do mundo nada se leva, ânimo!”

“Você não está a mercê de ninguém! Eu sou suas pernas e seus braços, pra quê braços e pernas mais fortes? Não está satisfeito com os meus cuidados?” – Estou chegando ao fim.

A doença percorre o meu corpo lentamente, mas não posso reclamar da providência que o Criador tomou, enviando esse filho adotivo para cuidar de mim.

Sem eira nem beira, abrigado num sistema previdenciário oficial deficitário, com uma merreca de aposentadoria, não adianta lastimar, Saulo é o senhor da razão:

“Eh velho, tristeza não paga dívida e do mundo nada se leva, ânimo!”

XXVII

O Diário de Manduca

Segunda-feira 1. Depois de muitos anos de separado e divorciado, mulher, filhos e netos esqueceram de mim. Moro numa kitnet de 30 m² na Rua das Alamedas, nº. 66, Aptº. 606. Bairro X e cidade Y. Sozinho, aposentado e sem dinheiro no bolso, passo o dia perambulando, papeando com velhos amigos e amigos velhos, nas ruas e nos bancos dos jardins públicos.

Chamam-me de Manduca, eu gostaria que me chamassem de Armando, mas o vulgo é comum às pessoas de somenos importância, já que não sou o Dr. Armando Félix de Sá, ou o Sr. Armando Félix de Sá, acostumei-me com “Manduca”, “o velho” e para as crianças, “vô Manduca”.

Ultimamente, passo os dias mais na minha moradia do que na rua, falta-me movimento e sobram-me pernas. As minhas pernas já não atendem mais aos comandos do meu cérebro com tanta eficácia, por isto, fico em casa lendo, escrevendo, rememorando o passado e refletindo sobre o futuro que não mais me pertence.

Não sou um velho preguiçoso, porém, o mal da velhice afora às doenças da decadência da matéria, é o seu isolamento, é o seu alijamento pouco e pouco da comunidade e das decisões sociais.

Os jovens não têm tempo e nem disponibilidade para ouvir a sabedoria dos velhos e o seu conhecimento, então, resolvi ficar em meu canto, chorando os meus prantos, com os meus bichos.

São três animais de relações estranhas no dia-a-dia, porém consegui que eles convivessem comigo durante algum tempo, muito tempo, civilizadamente, se civilizado é o termo certo para falar da gata Fanny, do rato Camus e da baratinha Mina. Não pense o leitor que são esses os seus nomes verdadeiros, bicho não tem registro em cartório, o homem é que tem registro em cartório, CPF e RG, o homem é cadastrado e numerado do nascimento à morte, é muito complicado ser homem.

Fanny já convivia comigo há uns quatro anos. Uma gatinha linda de pelo branco rajado de preto. Na carinha, a natureza tinha desenhado uma estrelinha, um pentágono de pontas irregulares no tamanho, parecia mais uma flor do que uma estrela. Eu, seu dono, tinha pela imagem a percepção duma estrela, os vizinhos negavam que fosse uma flor ou uma estrela: -Isso não é flor nem estrela, é uma mancha preta com algumas pontas!

-Felipe, eu tenho a percepção duma estrela. Os olhos vêem o desejo do homem, eu enxergo ali uma estrela e ninguém irá dissuadir-me do contrário...

Camus tinha chegado depois. Um ratinho que não era grande nem pequeno, diria que era mais pequeno do que grande, diria que era menor do que médio. Não era um rato nojento, era um rato limpo, cor de mel, com umas barbatanas bonitas. Apareceu na minha sala sem ser chamado e desaparecia logo depois. No início pensei dá-lhe com o cabo da vassoura, mas uma briga entre ele e Fanny conteve-me.

Camus era ousado, valente, naquele dia, que Fanny deixou um resto de comida em seu prato, Camus que estava com o estômago da necessidade, apareceu e papou a sobra. Fanny quis papá-lo, mas ele se armou, fungou, rosnou, gritou e convenceu Fanny deixá-lo em paz, desse dia em diante não se tornaram amigos, porém, se toleravam, se respeitavam. Camus aparecia todos os dias para comer o que sobrava e ela gostava... Acho que atraída pela comida de Fanny e Camus que, agora, sobrava para ambos, surgiu Mina, uma baratinha que subia no prato e beliscava o resto do repasto. Não foi fácil sua aceitação, tive que interceder com Fanny:
-Fanny, já que aceitou Camus, seu inimigo natural, deixe Mina em paz!!! – ralhei.

Terça-feira 2. Os ânimos já estavam contidos. Eu comia primeiro, Fanny comia depois, surgiam do nada, Camus e Mina. Mina sempre era a última. Reforcei o prato de Fanny deste dia em diante, pois a comida dava para os três animais. Observei que pareciam sussurrar com chiados de asas, grunhidos, rosnados, que no início eram imperceptíveis, mas pouco e pouco, tornavam-se perceptíveis e audíveis e convenceram-me de uma discussão, de uma conversa, de uma conversa que eu não entendia dos meus estranhos e insólitos protegidos.

Impotente diante do absurdo, do anormal, deitei-me numa velha espreguiçadeira reservada às minhas sextas e comecei cochilar e receber ondas e sinais cerebrais que traduziam com perfeição o que os estranhos moradores do meu apartamento estavam falando e discutindo...

Quarta-feira 3. O rato Camus se arvorava dos seus conhecimentos, de sua malandragem, de sua ligeireza em conseguir alimento e gabava-se dos petiscos frescos que comia. Água e alimento bons eram imprescindíveis, não comia carniça, gostava de queijo suíço, panetone, requeijão, fubá de milho e outras iguarias. Fanny olhava-o de soslaio e desconfiada. Se não fosse o Manduca, já teria feito do camundongo uma boa refeição.

Não entendia porque o dono da casa ainda não tinha expulsado o malandro de tanta parolagem. Mina ficava na sua, de quando em vez batia as asas discordando do discurso gabola de Camus, porém, o golpe final foi dado por Fanny, quando disse ao Camus o que ele não queria ouvir:

-Sua parolagem não me convence. O seu conhecimento é usado na ladroagem do homem! – disse-lhe com dureza Fanny.

-Ah, ah, ah, ah... olhe quem fala? Uma gata de gatuno, de ladrão!... Sua raça não faz outra coisa, senão roubar na calada da noite ou nos caçar, você é uma exceção, tem esse velho bobo que enche o seu rabo de comida e você só faz se espichar e dormir na poltrona o tempo todo, está balofa de preguiça!... – argumentou Camus.

-Embora não queira, tenho de concordar com você em algumas coisas: estou preguiçosa, no bem-bom. Manduca não é bobo, ele me ama, tenho tudo que quero e mais que preciso, não tenho necessidade de caçar ratos asquerosos pra comer. – Fanny justificou e acrescentou:

-Há 4000 anos a.C., o homem já me usava para lhe dar cabo! Pois vocês empestevam as cidades e os campos. Éramos considerados deuses e já vivíamos nos palácios...

-Ainda jacta-se do seu conhecimento predador e assassino? Qual foi sua contribuição pra natureza?... – Fanny não lhe deixou continuar:

-Nós, gatos, não somos predadores, não precisamos de sua raça para sobreviver. Gostamos do seu petisco e estamos contribuindo com o homem com a dizimação de sua espécie. Vocês espalham doenças e prejuízo na natureza!...

-Quem é que contribui para o desenvolvimento da ciência? Nós, os ratos, somos as principais cobaias dos laboratórios mundiais. Somos os mais argutos, os mais inteligentes dos animais e de comportamento confiável.

-Vocês são nojentos, asquerosos, por isso o homem utiliza-lhes mais, pois numa escala de 0 a 10 de seres necessários à natureza, sua raça não obteria 2. – Mina não se conteve:

-Vocês ficam aí discutindo para saber quem tem mais conhecimento e se esquecem de mim. Nós temos mais de 400 milhões de anos na face da terra. A nossa memória tem registro de todas as civilizações. Em muitos países somos seres especiais e sagrados. Aqui, eu que posso vangloriar-me, pois sou mais velha do que vocês, milhões de anos!...

Quinta-feira 4. Camus rendeu-se aos argumentos de Fanny e Mina em relação ao conhecimento. Porém, continuava se achando o mais inteligente. .

Não é fácil medir a inteligência, se para medir a inteligência do homem, ele usa de vários rótulos: abstrata, emocional, social, política e por aí afora, imagine o leitor, medir a inteligência dos animais tidos como irracionais.

Todavia, dadas às evidências, Fanny e Mina não teriam argumentos para negar que Camus dentre os animais citadinos, era o mais arguto, o mais picareta, o mais astuto, o mais inteligente e o mais sabido, mas lhe fizeram restrições, não deram o braço a torcer:

-Não é mais sabido que nós, você é o mais picareta, o mais ladrão, é quem mais usa a Lei de Gerson. Se sabedoria for esperteza, dentre nós quatro (incluiu-me), você é o mais sabido – observou Fanny e Mina acrescentou:

-Sabedoria do mal!...

Sexta-feira 5. Os vagabundos comeram e se mandaram. Fanny tinha um namoro com o gato Félix, estava toda sirigaita, nem se espichou no sofá, desapareceu, foi se embelezar, tomar o seu banho. Fanny gostava de tomar banho, eu enchia-lhe de talco...

Camus alegou que ia ver sua amada Camila, uma safada ratinha, que não lhe deixava em paz nos finais de semana e enchia-lhe de cornos noutros dias.

Mina não deixou por menos, foi ao encontro do seu musculoso baratão!...

Sábado 6. Os notívagos estavam de ressaca, dormiram o dia todo, à noite, fizeram uma reforçada refeição e voltaram para suas camas.

Domingo 7. Todos estavam apostos para refeição. Depois que se empanturraram e comeram como se fosse a última refeição, Camus começou tagarelar e ufanar-se da lixa que tinha dado em Camila, duramente reprovado por Fanny e Mina:

-É próprio do mau caráter!

-Estou falando a verdade. Dei um trato na minha nega que tão cedo, ela não me esquecerá!... – brincou Camus.

-Não se conta o que se passa entre um casal, não é ético, entretanto, não se pode exigir isso de você! – disse-lhe Fanny.

-Você se acha a rainha da cocada preta, a gata mais honesta do mundo, deixe o velho bobo distrair-se que você dará o bagaço! – admoestou-lhe Camus.

-Eu como para viver. Você vive para comer e destruir o homem, eu dou-lhe carinho e amor!...

-Claro minha filha, você sempre teve casa, comida e chamego, nós, temos pau nas costas, experiências dolorosas em laboratórios e venenos exterminadores, se a natureza não nos fosse pródiga na fecundação, já teríamos desaparecidos, como outros animais! – Mina concordou:

-Eu sou obrigada concordar com o amigo rato, o homem só quer nos destruir e usa os métodos mais dolorosos!

-Mas, vocês só espalham doenças e destruição. Eu dou-lhe afeto e solidariedade.

-A natureza nos dotou de recursos de autodefesa, assim como o gato come o rato, o sapo engole os insetos, a cobra engole o sapo, a baleia come o homem e os animais menores, nós

espalhamos leptospirose e hantavírus para que o homem nos deixe em paz!... - Mina assentiu às palavras de Camus e acrescentou:

-Cada um presta do seu jeito. A minha raça é solidária com o homem na morte: espalhamos vermes, protozoários, bactérias que consomem os seus restos em pouco tempo. Já pensou a tristeza de sua alma olhá-lo e vê-lo carniça sempre? É a nossa maneira solidária!... – Camus bateu palmas de entusiasmo:

-Concordo Mana, o homem é a carniça mais fedorenta, se o seu corpo não fosse invadido por esses milhões de bichinhos destruidores, os narizes da cidade não resistiriam ao fedor!...

- Fanny subiu nos saltos:

-Ahn!... Vocês se acham os beneméritos da Humanidade?...

-Não, não somos beneméritos, mas somos menos nocivos do que o homem, ele nos destrói e destrói o seu semelhante, nós não destruimos os nossos semelhantes... – Mina comungou com Camus.

-Vocês propõem o quê? – desta vez foi Mina que respondeu:

-Quem sou eu, quem somos nós e quem são eles para mudar a ordem do Universo? Somos as criaturas de Deus, o Universo não precisa de mudança, suas leis são perfeitas, nós, é que ainda não aprendemos o princípio da coexistência pacífica, pois, o fim último, o fim do fim, a morte, é certa para mim, para Fanny, para Camus e para Manduca!...

Houve mais algumas conversas, mas decrépito pela idade, não escrevinhei tudo no papel, mas quero lhe assegurar leitor, que eles fizeram as pazes e Mina pulou nas costas de Camus e Camus nas costas de Fanny e partiram...

Foi a última vez que os vi.

XXVIII

O mulato Lima Barreto

Caro leitor, imagine alguém que nasceu em no século XIX, em plena efervescência anti-escravagista, precisamente, no ano de 1881 e num dia e mês emblemáticos: 13 de maio, em um país de tradição racista dissimulada, filho de pai mulato, nascido escravo e mãe, filha de escrava. liberta da família Mendes de Souza. Imaginou? Acredito que o leitor tenha concluído que esse indivíduo não passaria dos limites da senzala à casa grande dos senhores escravocratas. Se fosse um mulatinho simpático, prestimoso e diligente, ficaria à disposição da matrona sinhá e dos caprichos da sinhozinha; senão, terminaria os seus dias de vida, arrastando cobra para os pés numa remota lavoura de algodão ou de cana desse imenso Brasil.

Porém, esse mulato teve a sorte de ter nascido sob o signo da Lei do Vinte Livre, mais ainda, ter sido afilhado de Afonso Celso de Assis Figueiredo, o famoso Visconde de Ouro Preto. Homem culto, político, rico, monarquista, amigo do rei, abolicionista, de recursos retóricos admiráveis e protetor de Manoel Joaquim de Lima Barreto, tipógrafo, monarquista, marido de Amália Amado Barreto, professora primária e pai de Afonso Henrique de Lima Barreto, conhecido por Lima Barreto,

jornalista, escritor, amanuense do Ministério da Guerra e precursor da prosa moderna, com o seu livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Lima Barreto foi um gênio do século XIX. Nasceu pobre, filho de um tipógrafo e de uma professora e o mais velho de quatro irmãos, fez seu curso fundamental em escola pública do Rio de Janeiro, concluindo o curso médio com louvor, no Colégio D. Pedro II, a escola dos herdeiros da nobreza e os filhos da elite econômica do país. Os principais vultos históricos da monarquia e da primeira república passaram pelos bancos do colégio D. Pedro II, muitos anos depois, voltavam fazer parte do seu corpo docente.

Era um crítico mordaz do regime republicano. Em *Policarpo Quaresma*, um pacato funcionário do Arsenal de Guerra, que aposentado, se envolve em realizações delirantes e de um nacionalismo exacerbado. Um tragicômico, um sonhador, um bairrista contumaz, um maluco empreendedor de projetos e incursões esdrúxulas. Na música, aprende tocar violão, por achar que é o único instrumento que expressa musicalmente, o sentimento nacional. Na agricultura, adquire uma terra de poucos recursos naturais, o sítio "Sossego" e trava uma guerra com as formigas saúvas que consomem arvoradamente toda suas economias.

Quando eclode uma revolução com resquício anti-republicano, larga seu sítio "Sossego" e seus sonhos e alista-se como oficial voluntário no batalhão "Cruzeiro do Sul" em defesa do governo do marechal de Ferro, Floriano Peixoto. Caboclo rude, desconfiado, sanguinário, nascido nas terras nordestinas das alagoas, presidente do incipiente país republicano brasileiro, depois agraciado com o título de "Consolidador da República".

No seu livro, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, faz uma crítica panfletária à imprensa, aos inimigos, satiriza e critica os intelectuais do seu tempo, principalmente, os jornalistas e os literatos que tanto desprezava.

Lima Barreto não era afeito aos trabalhos mecânicos e à rotina de horários e compromissos de trabalhos não eram do seu temperamento. Talvez, fosse uma rejeição atávica do período escravocrata dos seus antepassados, privados de liberdade.

Péssimo aluno da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, deixando de se graduar em Mecânica, reprovado várias vezes, não por falta de talento, de raciocínio lógico, de senso crítico, de conhecimento empírico, mas por sentir aversão às formulas e conceitos teóricos prontos. Gostava de sentir-se livre, leve e solto. Freqüentava assiduamente a Biblioteca Nacional, enquanto suas aulas rolavam na escola Politécnica. Para Lima Barreto, eram de somenos importância os problemas e as teorias de Mecânica, importava-lhe conhecer os expoentes da literatura local e estrangeira. Era gênio naquilo que gostava e medíocre naquilo que odiava.

Insurgiu-se contra uma literatura certinha, presa às regras gramaticais, à ditadura da língua, para imprimir nos seus textos uma linguagem coloquial, sem complicação, fácil e sonora ao ouvido do povo.

O seu conto, "O homem que sabia javanês", pode ser comparado, pela genialidade, ao conto, "A cartomante", do não menos genial mulato Machado de Assis. São temas diferentes, um fala de infidelidade, de amor e crime; o outro, perspicácia, auto-estima e determinação. Têm em comum que são duas jóias raras da literatura nacional, dois poemas-prosa. Um explora o lado místico, o lado supersticioso do homem, um sentimento hereditário que o conhecimento formal e

a ilustração científica não conseguem extirpá-lo da alma. O outro, a audácia, a inteligência, a temeridade e o jeitinho que um jovem usa para sobreviver sozinho numa cidade grande.

Muito cedo ficou órfão de mãe, seu pai, Manoel Joaquim de Lima Barreto, cuidou dos quatro filhos com paternalismo responsável, orientando-os na senda do saber, todavia, como uma maldição de família, termina seus dias, homiziado no quarto de um hospital de malucos. É Lima Barreto que pega na alça do caixão da responsabilidade para terminar a criação e a educação dos demais irmãos em 1904.

Amanuense por concurso do Ministério da Guerra e colaborador remunerado dos jornais Cartas da Tarde, Jornal do dia, Gazeta da Manhã e outros, dá-lhe na telha empreender junto com colegas visionários, a fundação duma revista chamada Floreal que logo morreu, não ultrapassando a 2ª. Edição.

A rotina de escriturário, de um governo republicano, numa função modesta, burocrática e rotineira para quem desejava alçar vôos mais significativos na literatura nacional, começam-lhe conturbar o espírito, encher-lhe o saco e a saída que encontra, é refugiar suas mágoas nas mesas e copos de cachaça dos botequins e na boemia. O uso costumeiro da bebida alcoólica, trouxe-lhe internações psiquiátricas freqüentes para tratamento de doenças neurastênicas e depressão profunda..

Outro fato marcante na vida de Lima Barreto foi sua rejeição para integrar o seletto mundo dos imortais da Academia Brasileira de Letras. Pense leitor, no início do século XX, um mulato que escrevia de maneira despojada, coloquial, de origem negra, pobre, de vida desregrada, ter a petulância e a ousadia de imaginar sua inserção no reduzido mundo dos deuses das letras de seu país? Ele poderia argumentar para sua vaidade, que lá também teve um presidente e fundador, mulato, egresso da periferia do Rio de Janeiro, o egrégio Maria Joaquim Machado de Assis. Mas contra-argumentar-se-ia que os dedos das mãos são irmãos e são diferentes. Machado teve uma origem semelhante, entretanto, sempre andou no caminho da probidade, da retidão e tinha um temperamento burguês, não reacionário. Era um exemplo de homem e escritor. Funcionário graduado do governo federal, soube conviver com Deus e o diabo ao mesmo tempo. Acendia uma vela para os monarquistas e duas para os republicanos. Enquanto abraçava um monarquista, apertava no peito um republicano, mesmo as subjacentes críticas que fazia em seus textos à Igreja Católica, eram eivadas de sutilezas, no fundo era um pusilânime, um medroso, um egoísta, um comodista, não era destemido nem irresponsável como o seu conterrâneo.

Jorge Amado, em seu livro, "Farda, fardão, camisola de dormir", foi o primeiro escritor de nomeada que escancarou a política e o jogo de interesses escusos que permeiam os membros daquele colegiado. Claro, que Lima Barreto, não tinha pedigree para ser indicado membro daquela casa, em vida, por vários fatores, dentre alguns, sua posição política reacionária e socialista.

Alguns críticos literários de indiscutível saber, rotulam a literatura de Lima Barreto como uma arte inferior, panfletária, coloquial, de infidelidade gramatical. Uma arte usada para depreciar pessoas, vingativa e venenosa. Sua sátira é condenável e pusilânime porque mascara os verdadeiros personagens de sua crítica. Ele não era claro, direto, corajoso a exemplo de um Gregório de Matos.

Nessa linha de crítica mordaz, contundente, que não reconheceu ou não quis abonar os seus trabalhos literários, que não quis reconhecê-lo como um representante dos oprimidos, a voz daqueles que não foram bafejados pela fortuna, estão os críticos literários Medeiros e Albuquerque, Carlos Eduardo e Alcides Maia.

Esta crônica se propõe a enxergar Lima Barreto sob um viés diferente. Não interessa aqui discutir a conduta vingativa, a revolta, a insatisfação do autor de “Recordações do escrivo Isaias Caminha” e outras obras. Mas enxergá-lo como um dos gênios da arte literária brasileira, sem discussão e análise dos aspectos técnicos. Enxergá-lo como um gênio criador, que foi capaz de retratar os costumes, a insatisfação política e as mazelas da sociedade daquela época com clareza e estilo próprios, rompendo com escolas literárias, conceitos arraigados e alguns poderosos.

José Veríssimo, principal crítico literário daqueles tempos, reconheceu a clareza, a riqueza de detalhes, a objetividade e o humor nos textos do então jovem escritor e jornalista Afonso Henrique de Lima Barreto. Mário Matos, simplifica em sua análise, aquilo que representa o pensamento de muitos analistas da literatura brasileira dos dias atuais:

“A sua escrita traz o calor de uma alma inquieta, que padece a ânsia do mistério das coisas, do sortilégio que paira sobre a existência humana. A maior influência literária e moral sobre a organização de Lima Barreto é Dostoyevski... O seu processo é angustioso e tem uma piedade fácil por aqueles que são dominados pela idéia fixa, contanto que essa idéia seja um sentimento nobre. As Recordações são uma autobiografia. Aí está, porventura, o segredo de seu atrativo, da grande questão da sua palavra escrita... Os defeitos do seu livro vêm também deste feitio e estes defeitos são unicamente o tom muito pessoal que, em certas páginas, transparece”.

Depois de várias internações psiquiátricas, morre triste e esquecido o afilhado do Visconde de Ouro Preto, no Rio de Janeiro, aos 41 anos de idade, um dos mais geniais escritores da língua portuguesa de todos os tempos, Afonso Henrique Joaquim de Lima Barreto.

Carnaval carioca de 1982, cem anos depois do seu nascimento, seus compatriotas resolvem homenageá-lo pela Escola de Samba Unidos da Tijuca, resgatando o seu passado, com o samba-enredo: “Lima Barreto, mulato pobre, mas livre”.

XXIX

Orgulho Gay

Nos finais dos anos 80, o caboclo Júlio Barata, conhecido pelos seus amigos e inimigos por “Pezão”, bem aquinhoado financeiramente, comprou uma casa em um bairro de classe média alta em Itabuna, no interior da Bahia, principal cidade do Sul do estado.

Se o leitor exigente quiser detalhes desta história, quiser saber, por exemplo, se os protagonistas ainda estão vivos, se Julio Barata é Júlio Barata e se Pezão é Pezão, lhe responderei que todo ficcionista é um mentiroso por necessidade, ou melhor, ele trabalha com a verdade às avessas, meias verdades, pois não se pode expor a história de vida com as personagens vivas, por óbvios motivos e às personagens mortas, por respeito à memória daqueles que se foram.

Porém, para arrefecer a curiosidade do leitor, quero jurar por todos os santos homens e homens santos que Pezão faz pouco tempo que morreu de um infarto fulminante enquanto assistia os flashes de uma parada gay pela tevê, sua mulher morreu faz mais tempo e filho, filhas e netos estão vivinhos aí, e, tomara que nenhum deles, leia estas páginas, pois quem conta um conto aumenta um ponto.

2

Pezão não era má pessoa. Não era um intelectual, mas não era um ignorante do pé de serra, escondido no recôndito das matas. Embora tivesse nascido e crescido na roça, assim que comprou suas primeiras terras, instalou na casa da sede, do fogão a gás a uma geladeira e um rádio de pilha de ondas médias e curtas para ouvir a Rádio Nacional, coqueluche de uma época distante.

Com a chegada da energia elétrica, mais situado, com a burra cheia de dinheiro, ele encheu a casa de aparelho de tevê, parabólica, aparelho de som e, mais algumas novidades da vida contemporânea.

Porém, Pezão não abria mão de certos princípios herdados dos pais e dos avós. Trazia a mulher em corda curta e os filhos em corda mais curta ainda.

Descarregava os seus medos, as suas frustrações e as suas opiniões em cima de Zé Pequeno, seu preposto de confiança, que junto com o chefe, enfrentava qualquer dificuldade: um Sancho Pança quixotiano que escudava Pezão há mais de trinta anos:

-É uma safadeza de dar gosto, os homens já estão nascendo efeminados! – Zé Pequeno confirmava:

-Sinhô sim! – era o seu único vocabulário, se o patrão lhe dissesse: “Zé Pequeno, mate o João”, ele respondia: ” Sinhô sim!”, fiel mais do que um cachorro e traiçoeiro como uma serpente.

-Zé Pequeno, eles dizem que já nasceram efeminados, eu acho que é falta de couro no lombo!

-Sinhô sim!

-Quem já se viu? Usar seios postiços, plástica no bumbum, sutiã, calcinha, saia, corpete, salto à Luis XV e deitar com homem... Quem Já se viu?...

-Sinhô sim!

-Se Juninho virar bicha, eu mato-o!

-Sinhô sim... – Zé foi reticente, amava o filho do patrão.

-Saia é coisa de mulher e calça é coisa de homem! Já falei com Maria: se ela usar calça, ela sai daqui com uma quente e outra fervendo...

--Sinhô sim!...

3

Juninho e as irmãs deixaram a fazenda e foram morar e estudar em Itabuna. Juninho crescia em beleza e frescura, seu pai andava meio desconfiado:

-Será que vou pagar minha língua?— Pezão dialogava com o seu escudeiro:

-Sinhô sim!

-Você acha Zé pequeno?

-Sinhô... — já entendi, você quis dizer:

-Sinhô não, não é seu maluco?

-Sinhô sim!...

4

Como naquela época, a UESC não tinha curso de medicina, Juninho, aluno brilhante, e doido para ficar livre das rédeas de Pezão, convence todos em particular sua mãe, que sabia como conter a brabeza do marido, usando da fraqueza força, estudar em Salvador e com louvor é aprovado de primeira no vestibular da Ufba em medicina.

Esporadicamente vinha visitar os pais. Sua frescura tinha sido burilada, afora a fala um pouco feminina, os trejeitos tinham sido aperfeiçoados e se ele não se expusesse por muito tempo, ninguém diria que aquele homem de mais um metro e oitenta era uma bicha conhecida e disputada, no seu tempo, pelos homens que gostam dessa fruta nas noitadas e farras estudantis da cidade de Salvador. Não bebia nem fumava.

Sua mãe morria de amores pelo filho, os dois se entendiam pelo olhar. O amor do seu pai não era menor. O velho Julio escondia no peito o medo de descobrir que o filho não fosse macho e quando esses pensamentos lhe vinham à cabeça eram inconscientemente, rejeitados e repudiados.

Certa feita, Pezão, o seu fiel escudeiro e Juninho foram passear na fazenda. Juninho adolescente, respirando euforia por ter sido aprovado num vestibular de medicina, desleixou-se em esconder os seus trejeitos e acirrava mais a cisma do seu velho, que numa parada obrigatória do carro para o filho mijar, ele adverte ao Zé Pequeno:

-Se esse filho da puta, mijar de cócoras como uma mulher, eu arranco-lhe a cabeça com essa escopeta!... — manuseou a arma. Zé Pequeno sem entender muito bem, implorou:

-Sinhô... Sinhô... Sinhô não!... — Zé Pequeno com a destreza e a precisão de um felino tomou-lhe a arma e implorou-lhe com sua linguagem:

-Sinhô não, Sinhô não!...

Distante alguns metros do carro, Juninho não percebeu a luta entre a ignorância e o bom senso e como um macho de verdade, lavou o chão de urina ao invés de sujá-lo com sangue. Alguns anos depois, Pezão via tevê quando em flashes de reportagem sobre o Orgulho Gay baiano, aparece Juninho travestido e empunhando a bandeira do movimento, defendendo mais liberdade, mais respeito e mais inclusão social. Enquanto isto, o seu pai aturdido confirmava aquilo que há muito tempo desconfiava e com a mão no peito balbuciava:

-Fi... lho... do peca...do, vergo...nha... da família, vea...do des...cara...do, ver...go...nha da huma...ni...dade!... — desabou e Zé pequeno acudiu—o:

--Sinhô... Sinhô... Sinhô não! — o moribundo com voz rouca, estertora, reprovou o seu fiel companheiro que emendou:

-Morte... Sinhô não!!!...

Zé Pequeno chorou, chorou...

Zé Fininho

1

Tudo nele era incoerente. O apodo “fininho” para expressar magrinho não condizia com o seu corpanzil. Chamavam-no de Zé, mas o seu prenome era Lourival. Era negociante por vocação, pedreiro de suas obras e político nas horas vagas. Não era letrado, mas tinha o dom da palavra e uma lógica que dava inveja, porém, a marca principal de Zé Fininho era o seu otimismo.

Zé Fininho não falava de doença, de miséria, de tristeza, de falta de dinheiro, todavia, se esbaldava e fazia rir os amigos com o seu papo de riqueza, de fartura, de grandeza, mesmo que lhe faltasse níquel no bolso. Não era estróina, também, não era mão-fechada, se alguém batesse em sua porta por necessidade, não saía sem a solução parcial ou total do problema. Conta-se que certa feita, na saída de um consultório médico, amparado por um amigo de tão alquebrado que estava de uma infecção intestinal, encontrou um conhecido indiscreto que lhe observou:

-Zé Fininho você está mau!...

-Eu, Sinfrônio? Acho que quem está mau aqui é você! – o pobre do homem ficou sem graça...

Zé Fininho não gostava de baixo-astral.

2

Quando eu o conheci, ele era um homem maduro, porém, longe da meia idade, teria tido muito gás pra queimar se uma síncope repentina e fatal não o tivesse levado pra o buraco aos 53 anos de vida.

Um guloso das boas e péssimas iguarias – comida boa é fome -, não dispensava nenhum prato feito D. Marta, sua mulher, fosse um estrogonofe ou uma buchada, uma feijoada, um sarapatel, qualquer hora do dia ou da noite. D. Marta costumava dizer: “este homem tem estômago de avestruz”, pois ele comia até sapo cururu cozido e apimentado se botasse à mesa.

Não menos que a gulodice era a sua disposição para o trabalho. Não deixava o trabalho para depois – guarda-se o que comer não o que fazer - , não se queixava nunca que estava cansado de trabalhar e quando a mulher o admoestava para que ele descansasse, dizia:
-Terei a morte como descanso.

Não falava mal do açougueiro, do bodegueiro, do feirante, do negro, do pastor, do bispo ou do papa, mas tinha uma leve ojeriza e cisma ao índio, achava-o preguiçoso e traiçoeiro.

3

Tinha a política no sangue, quando empunhava uma bandeira, empunhava-a com despreendimento e paixão. Não gostava de discutir pessoas, mas idéias e práticas administrativas. E, forçado por algum adversário político, apontar os erros de A ou de B, ele deixava-o falando sozinho, sua divisa era:

-Religião, política e mulher não se discutem, se abraça...

Não fazia política para auferir vantagens pessoais, fazia política pela simpatia do candidato e pela sua vida pregressa.

Tinha um raciocínio lógico e contundente, numa peleja política, apontava as necessidades da cidade e as impossibilidades administrativas do candidato adversário.

4

A fanfarronice de Zé Fininho e o seu bom-astrol se não contribuíram para o seu sucesso financeiro, porém, foram fundamentais para que ele amealhasse um bom patrimônio e deixasse-o para os seus entes queridos.

Zé de tanto falar em gado, em fazenda, em cacau, em terras, alguns anos antes de morrer, adquiriu, terras, cacau e gado.

5

Numa segunda-feira, do mês de abril do ano 2000, morre aos 55 anos de vida, em sua cama e em seu quarto, às 14 horas daquele dia, Lourival Santiago, conhecido pelos amigos e não amigos por Zé Fininho.

Foi uma morte inesperada. Zé não era chegado às doenças. Embora já tivesse ultrapassado à meia idade, era forte como um touro e manso como um carneiro. Não houve tempo de levá-lo ao hospital, quando o socorro chegou, Zé já estava no além-mundo, sem retorno.

Os fofoqueiros da vida alheia espalharam que Zé Fininho tinha comido um cozido de carne de boi, verduras e pirão e logo depois tinha ido apagar o fogo libidinoso de D. Marta, para fazer jus à verdade, era uma mulhereça, um pancadão, despertava o desejo do mais tímido franciscano.

Os não-fofoqueiros alegavam que não tinha havido sexo, mas que Zé Fininho teria sido imprudente em tirar uma sesta com a comida ainda fumegando no estômago e tinha tido uma congestão mortal.

O doutor-legista assinou o papel de um infarto fulminante, sem chance de socorro. No entanto, o doutor-povo jurava por Hipócrates que a causa morte tinha sido mesmo D. Marta, Zé Fininho não era homem de sesta!...

Hoje, é de somenos importância saber quem estava certo: o médico, os fofoqueiros ou os não fofoqueiros, o povo, mas o importante agora, é aprender as lições de vida que Zé Fininho deixou.

Uma coisa é certa: ele morreu feliz e era uma boa pessoa, pois somente os bons são chamados cedo lá pra cima.

Sua herança se resume nas lições de otimismo, de alegria, de bom caráter e filosofia de vida que passou para os seus parentes, amigos e não-amigos.

Na sua lápide, os amigos eternizaram sua memória com a inscrição:

“Jaz aqui um homem que tinha como divisa o otimismo e transformava o infortúnio em fortuna”.

XXXI

O enigma

1

Era um casal menos jovem e mais maduro. Ele beirando os 42 anos de idade, ela, na faixa dos 38 anos com aparência de 30. Ele, escravo dos prazeres da vida. Ela, escrava da beleza. Ambos errados e ambos certos na vida que levavam, mas separados por convicções íntimas e contrárias. Ele condenava sua vida de renúncia e sacrifício para prolongar o encontro com o nada. Ela condenava sua vida farta e fútil para chegar mais cedo ao nada.

José Roberto Sampaio e Helena Santos Sampaio, para os amigos e não amigos por JR e Lena. JR, branco, alto, forte, cabelos entremeados de fios brancos e empregado público. Lena, morena, altura mediana, magra, cabelos de cor indefinida, às vezes castanhos, pretos doutras vezes, loiro e cor de mel quando estavam na moda. Se não tinham um casamento sonhado, sonhavam em manter-se casados. Aos trancos e barrancos, na falta e na fartura, na tristeza e na alegria, na doença e na saúde, eles já tinham quase duas décadas juntos, comendo o mesmo sal, com as escovas de dente no mesmo armário e dormindo na mesma cama, exceto, quando o bafo de bebida de JR era insuportável. Enfim, um modelo de casal encontrado em qualquer lugar do mundo.

2

Não tinham filhos. No início do casamento, Lena tivera algumas perdas a contragosto. Quando a gravidez começava, ainda no primeiro mês ou no segundo mês, por motivos banais, quando Lena menos esperava, descia uma enxurrada de sangue em suas pernas anunciando o aborto involuntário. Tinha feito vários tratamentos, pensou até fazer uma inseminação artificial, mas desistiu diante dos custos, considerando também que naquele tempo o processo de inseminação artificial, do bebê de proveta, estava em fase incipiente mesmo em alguns centros médicos especializados.

JR e Lena começaram racionalizar: se Deus não lhes dera um filho é que o filho não seria a solução, mas parte dum problema existencial. Os anos foram passando, outros problemas exigindo solução e o desejo e o capricho foram esquecidos.

Ultimamente, ele só chegava a casa mais embriagado do que sóbrio. Depois do trabalho, ele e mais alguns colegas, sentavam-se no bar mais próximo, depois de alguns copos de cerveja ou de duas ou três talagadas de cachaça, conhaque ou whisky, estavam prontos para discutir e solucionar os problemas do Brasil e do mundo.

As discussões entre JR e Lena, nessa época, ficaram mais acirradas e azedas. Ela o culpava da vida dissoluta e irresponsável, com colegas, mulheres e barzinhos, que ele estava levando. Ele a culpava de ser uma pavonácea, refém de cosméticos e cremes, perseguindo uma beleza e um tempo perdidos.

-Lena, nós somos as uvas preferidas de Deus... Você já observou o seu processo de envelhecimento? – Lena estava com vontade de mandá-lo pra cucuia, mas quando se falava em “velho”, “envelhecimento”, “envelhecer”... seu medo e seu complexo eram mais fortes do que sua lucidez.

-Não entendi seu pinguço!... Por quê somos as uvas preferidas de Deus? – Lena estava azeda. Se não fosse a curiosidade atiçada por JR em comparar uva com ser humano, não lhe daria nenhuma trela, ultimamente, deixava-o conversando sozinho na maioria das vezes.

-É fácil querida observar como as uvas envelhecem. Novas, são viçosas, verdes ou vermelhas, elas têm uma cor viva, uma membrana lisa, hidratada, delicada, empencada e feliz, a fruta mais bela que a natureza pintou. À medida que vai envelhecendo, vai murchando, perdendo o viço, escurecendo a cor, desidratando, textura enrugada, virando passas...

O homem é a uva preferida de Deus. Dotou-o de bom senso, sabedoria e inteligência, mas não lhe poupou do envelhecimento e da consciência da morte.

Também, à medida que envelhece vai perdendo o viço, murchando, perdendo a cor, desidratando e enrugando a pele, perdendo os músculos, morrendo por dentro, secando... – Lena estava absorvida com a veracidade da semelhança. Nunca tinha prestado atenção que o homem e a uva envelhecem murchando... Todavia, não iria lhe dar mão à palmatória:

-O homem tem recurso para retardar o envelhecimento não se pode comparar com uma uva!... – argumentou.

-Não adianta. Retarda, mascara, puxa daqui, estica acolá, mas se novo não morre, a velhice é consequência e, o desfecho é parecido. Por isto, alguém já disse que seria bom se todos morressem jovens e bonitos! – disse-lhe JR.

-A ciência evolui dia-a-dia, não duvido que o homem não progrida a ponto de encontrar um elixir da juventude e de longa vida, uma panacéia para todos os males...

3

Aquilo não estava certo, porém, o pecado carnal e a libido eram mais fortes. Pela segunda vez tinha tido àquela mulher nos braços. Não tinha havido nada além de uns beijos ardentes e apaixonados e se não fosse sua mãe barulhenta, teria chegado à hora H. Se não fosse sua

mãe, desta vez, os seus instintos carnais e os dela teriam sido consumados. Bafejado pela sorte, Neto ainda teve tempo de justificar a presença de D.Lena naquela manhã em sua casa e não ser flagrado:

-Mãe, dona Lena vai me dar banca de portugueses... – adiantou Neto.

-Menino, qual dinheiro que tenho pra pagar banca?

-Não é preciso dona Josefa. Neto tem feito muitos mandados pra mim sem cobrar um níquel, além dele colocar em ordem as tralhas do meu quintal e limpar a minha garagem.- acudiu Lena.

-Não sabia que vocês eram tão amigos! Quê hora tu faz isso pra dona Lena, Neto?

-À tarde, mãe, quando não estou na escola e a senhora está no trabalho. – Realmente. Lena foi lhe pedindo um favor, depois mais outro, inclusive, com o assentimento do marido em que a coisa foi tomando corpo e compromisso.

Um toque aqui, outro acolá, um olhar indiscreto, um seio à mostra, uma coxa a descoberto, romperam a timidez e os escrúpulos morais de Neto e Lena passou ser a mulher dos seus sonhos eróticos. E, se não fosse sua mãe, naquela tarde, os seus sonhos teriam sido transformado em realidade pela cumplicidade de ambos.

Emanuel Augusto Neto era um adolescente com cara de adolescente de 16 anos de idade. Compleição e altura acima de sua faixa etária, um pouco mais baixo que JR. Filho único de dona Josefa, não tinha outra obrigação naquela idade a não ser estudar, cuidar da casa na ausência da mãe e jogar bola nos finais da tarde quase todos os dias.

4

-Juca, rendo-me aos desígnios da natureza feminina. Por mais que eu pense não consigo desvendar a alma da mulher. A minha por exemplo, nesses três primeiros meses está tão diferente, tão compreensiva, amiga, bem melhor do que quando começamos namorar. – desabafou JR.

-JR, não existe nenhum enigma, nenhum mistério. Lena está mais madura, centrada, estar tendo consciência de sua importância em sua vida. Embora você tenha seus defeitos, é com você que ela se acha... - explicou o amigo de JR.

-Sei disso Juca, à medida que ficamos mais velho, os impulsos vão diminuindo, os desejos arrefecidos, a cabeça no lugar... Mas, nada disso ocorreu com Lena. Ela continua vaidosa, brigando com cada ruga, emperiquitada de manhã à noite, fogosa na cama, mas com um senso de humor e uma felicidade surpreendentes. Às vezes Juca, penso que é sua irmã gêmea que tomou o seu lugar com um temperamento e um caráter diferentes. Como ela não tem irmã gêmea, o mistério permanece...

5

O chamego tinha virado xodó. Era Lena lá e Neto cá, principalmente, quando o marido e a mãe não se encontravam. Os cochichos maledicentes dos vizinhos não eram mais segredos, como em toda situação parecida, o marido e os pais são os últimos a saber, às vezes, nunca sabem e ninguém tem coragem de meter a mão em cumbuca. Quando alguém aparece querendo denunciar, cômico de estar prestando um grande feito, é logo admoestado:

-Seu Zeca se eu fosse o senhor diria ao seu JR essa safadeza!

-D. Nina, ainda bem que a senhora falou se, se... se eu fosse a senhora não me meteria nessa casa de marimbondo. Primeiro, porque não viu nada, não pode provar nada; segundo, o

marido dela anda com o moleque pra cima e pra baixo como um filho que não teve; terceiro, entre o marido e a mulher não se mete a colher. Se for um corno manso, além de achar ruim, vai lhe chamar de fofoqueira e desocupada e se for um corno brabo, poderá dar cabo da mulher e do moleque. O melhor dona Nina, é que deixemos como estar pra ver como é que fica... – ninguém da rua falou mais do assunto.

6

JR tinha chegado mais cedo naquele dia. Encontrou a mulher mais alegre do que pinto no lixo. Seu pressentimento é que se sua sogra viria passar uma temporada com a filha, não quis precipitar-se, deixou que as coisas acontecessem, sua prudência foi recompensada:

-Jota, querido, tenho uma coisa pra lhe falar! – anunciou Lena.

-Sou todo ouvido!...

-Eu quero lhe falar no quarto, depois que fizermos amor...

-Você está me deixando nervoso!... derreteu-se JR..

Depois de muito affair e JR tomar uns dois goles de whisky, Lena conta para seu esposo que estava com dois meses de grávida e não lhe tinha ainda falado por não ter certeza. Acreditava que fosse uma irregularidade menstrual, e a gravidez fosse como tantos outros rebates falsos. Somente com os exames médicos em mãos é que se encheu de coragem. Agora, estava lhe contando e que ele não propalasse aos amigos para não ocorrer como doutras vezes que a gestação gorava e era grande sua frustração e a dele.

A alegria de JR para os colegas foi contida, graças aos veementes apelos da mulher para que deixasse naturalmente a barriga anunciar-se. Quando tivesse com cinco ou seis meses de grávida, sua protuberância abdominal, naturalmente, chamaria à atenção dos colegas e conhecidos. Na sua idade, e sendo o primeiro, seria alvo de exclamações e admiração “tu estás grávida?”, “JR você é um danado!”, “enfim, uma boa descoberta!”, por isto, JR engoliu seco, deixou as coisas acontecerem, confiava na intuição da mulher.

7

-Tu estás grávida? – perguntou Neto.

-Estou grávida. – respondeu-lhe Lena.

-JR já sabe?

-Sim! E, é todo alegria. Só fala nesse filho... – foi a última conversa de Lena e Neto.

8

Sobre à mesa, em sua repartição, JR encontrou mais uma vez uma carta fechada, com poucas palavras e nenhuma explicação: “quem faz filho na mulher dos outros, perde o filho e o feito”. Um enigma. Parecia mais uma charada do que uma denúncia. Era a terceira vez que chegava ao seu local de trabalho, uma missiva lhe endereçada. No início pensou que fosse alguma brincadeira de mal gosto de algum colega. Porém, depois de muita pergunta e especulação, concluiu que não era arte de nenhum colega. Além disto, ninguém em seu trabalho sabia da gravidez de Lena. Se Lena não estivesse grávida, teria dado menos

importância àquela lúgubre mensagem e jogado-a no lixo. Mas o diabo da mulher apareceu grávida de um momento pra outro, depois de tantos anos e tantas perdas...

Ultimamente, andava triste, soturno e macabúzio. Tinha deixado até de ir tomar às saídas do trabalho, um trago com os colegas. O pessoal da repartição estava preocupado e sem condições de ajudá-lo, pois ele não se abria, por mais que eles perguntassem. Desculpava-se que não estava bem de saúde e não queria que a mulher soubesse. Um dos colegas ainda ousou-se:

-JR é nessa hora que a mulher tem que participar. Ela não respondeu: "... na saúde e na doença, na alegria e na dor...", quando o padre fez o casamento? – JR terminava achando graça.

-Flávio você é um pilantra. Eu preocupado e você com os sacramentos do padre!... Faz tanto tempo que nem me lembro o quê respondi e muito menos as juras de Lena. Tem coisa Flávio, que a cumplicidade dói, é melhor que cada um carregue seu fardo. – assim, JR encerra o seu drama íntimo e impede que as especulações prosperem.

9

Sete meses. Não era mais possível Lena esconder a barriga e não era necessário. Teve uma certa apreensão inicial em decorrência da idade. Suas colegas ficavam galhofando dela e do marido:

-Ah!!!... Agora que esses dois abriram o bico quando não mais tinham como esconder hein?... Você, JR, estava preocupado era com isso? Com um filho?... – era o tempo todo gozação dos colegas e amigos.

Lena já não mais tinha sossego. Fazia uma camisinha hoje, uma toca amanhã, uns sapatinhos de crochê depois... não parava a máquina de costura. Quando sobrava um dinheirinho extra, completava o enxoval com vestuário pronto das lojas.

Tinha se acostumado à rabugice do marido, seu enfezamento inexplicável, atribuía ao fato dele ser pai depois dos 40 anos de vida. Às vezes, ele estava feliz, fazendo planos para chegada do rebento, de outras vezes, se fechava em seu mundo e suas respostas eram monossilábicas, quando se dava ao trabalho de respondê-las.

10

Naquele dia JR tinha acordado bem humorado. À noite, tinha feito amor, tomando todos os cuidados e posições para não ser um estorvo na barriga da mulher. Tinha-lhe levado café na cama e impediu-lhe que saísse dela:

-Descanse querida, basta o prazer que você me proporcionou toda noite. Se prepare hoje, quero repetir a façanha de ontem, agora que deixei de extravagâncias, estou doando testosterona!... - brincou ele.

Existem pessoas que não nasceram pra ser feliz. Se o infortúnio e as desventuras as perseguem seus sensores e desconfiômetros ficam alertados a maior parte do tempo. Se

tudo lhe vai bem na vida, algo interior diz-lhe que não existe tempo bom que não se acabe e JR nunca soube lidar com isso.

Logo naquele dia de céu limpo e azulado sem prenúncio de chuvisco, chuva, muito menos tempestade, que ao sair de casa, por debaixo da porta, alguém jogou um diabinho de um papel, jeitosamente dobrado em quadro com o seguinte veneno: “corno manso é pior do que corno de goteira; o primeiro, o marido deixa o lugar para o amante; o segundo, o amante deixa o lugar para o marido”.

A cabeça de JR entrou em parafuso. Passou o dia planejando matar a mulher e o amante. Mas, quem era o amante? Todos os seus suspeitos eram amigos comuns além de serem (segundo sua avaliação), incapazes de tal vilania e traição. Seria Neto o amante dela? Mas, Neto não passava de um adolescente crescido, com menos idade do que o primeiro filho perdido de Lena, além dele ser considerado um filho que ainda não tinham tido.

11

À noite, daquele dia, amou-a como nunca. Estava sedento de sexo. Fez sexo na cama, na cozinha, no banheiro, no sofá... Lena estava perplexa com o novo homem. Tinha-lhe deixado cansada e saciada. Há anos que seu marido não tinha um desempenho daquele. Quê estaria acontecendo? Não quis respostas, ambos cansados e saciados, deitou-se e dormiu. Pela manhã, cedo ainda, não o encontrou deitado ao seu lado como era costume. Pensou que estivesse preparando o seu café. Naqueles dias de gravidez e nos primeiros anos de casados, ele tinha-lhe deixado mal acostumada com o café na cama. À medida que o tempo passava, algo estranho começou crescer dentro de si. Pensou de início que o marido estava na cozinha fazendo o café, porém, o silêncio negava-lhe esse sentimento, depois, pensou que ele tivesse saído para o trabalho. Resolveu, da cama, chamá-lo:
-Amor!!!... – nenhuma viva alma. Não resistindo esperá-lo, levantou-se.

Quase desmaia de susto. Saiu gritando chamando os vizinhos que pela curiosidade e pelo seu estado interessante, todos acudiram-na. Lá estava estirado no sofá, José Roberto Sampaio, funcionário público federal, 44 anos, amigo dos prazeres da vida e fraco de espírito, morto por um tiro no peito, com o revólver crispado nos dedos e numa escrivaninha próxima, todas as cartas recebidas e um bilhete que dizia:

“Prefiro conceder-lhe o benefício da dúvida: in dubio pro reu”

JR

XXXII

A carta

Não havia antigamente uma coisa mais prazerosa do que receber uma carta de um ente querido distante.

Quando o carteiro com sua mochila às costas, carregada de cartas, e outras correspondências, gritava à nossa porta: “carteiro!!!”, todos que estavam dentro de casa corriam para recebê-la na esperança de ser sua. E, quando a carta era dirigida ao dono da casa, ao esteio da família, todos se juntavam à sua volta, pois as notícias não tinham um caráter particular, mas eram notícias que interessavam ao dono da casa e todos da família. Às vezes, as cartas traziam notícias pesadas, de um ente querido que se foi, de um conhecido moribundo, de um parente distante falecido. Quem não se lembra de um telegrama tarjado de preto, anunciando desenlace? Mas as cartas traziam também, notícias alvissareiras, portadoras de boas novas, de alegria, de alguém que ia se formar, casar, alguém que tirou a sorte grande no jogo, boa safra, chuva e sol em abundância necessária. As cartas eram usadas também em pequenas distâncias. Os jovens de épocas mais remotas usavam as famigeradas “cartas de amor”. Livros com modelos românticos de cartas eram coqueluches daqueles tempos. As moças de liberdade controlada pelos pais, recebiam os textos mais ingênuos e apaixonados dos seus pretendentes.

A carta não era apanágio somente dos mortais comuns. Grandes escritores, cientistas, governantes, militares, usaram-na para confessar suas angústias, seus dramas familiares e pessoais, suas descobertas científicas, suas conquistas militares e os governantes anunciarem, a priori, aos seus prepostos, medidas administrativas que tomariam em defesa do estado e do povo.

A carta também foi usada em uma das mais repulsivas e condenáveis atitudes do ser humano: a “carta anônima”. Quantos casamentos foram desfeitos? Quantos crimes foram praticados em decorrência dessa nojenta e abjeta forma de se comunicar? Pessoas de boa fé ou má fé se escondiam atrás de uma carta anônima, sem assinatura, sem identificação de autoria, para denunciar traições, crimes, conluíus, sublevações, extorsões. Há em nosso país o caso emblemático da denúncia feita por carta, do coronel Joaquim Silvério dos Reis, ao governador de Minas, Visconde de Sabugosa, sobre a Inconfidência Mineira. Mesmo quando o denunciante anônimo era movido por causas nobres e necessárias, ele era tido como gente de caráter duvidoso e covarde.

A nossa carta mais famosa tem mais de 500 anos, é a carta de Pero Vaz de Caminha, comunicando o grande feito de Pedro Álvares Cabral, com a descoberta de uma nova terra para Portugal. Porém, têm registros mais antigos. Conta-se que Ramsés III, faraó do Egito, anunciou sua subida ao trono, aos seus súditos de terras longínquas, usando os pombos-correios para levar suas cartas, 6.500 anos antes de Cristo. E que os Persas, em tempos não menos distantes, usavam as cartas para comunicar os seus atos administrativos.

Outra carta não menos famosa é a carta-testamento de Getúlio Vargas. Getúlio eleito presidente, depois de ter exercido a presidência do Brasil por 15 anos, em regime revolucionário, constitucional e ditatorial. Retorna nos braços do povo em eleições livres em 1951 e em 1954 suicida-se.

Sua carta é um testamento político cujo beneficiário era o povo. Não declinou nome de ninguém mas deixou como herança um conjunto de idéias políticas e administrativas e um legado de obras acabadas em todo o país.

Com o advento de novos meios de comunicação no Século XX, as cartas não perderam o seu valor afetivo, utilitário e oficial. Porém, pouco e pouco, foram substituídas por novas formas de correspondência: mais sucinta, mais rápida, mais eficiente no tempo, todavia, mais distante e menos afetiva.

Hoje, alguém não se debruça sobre uma escrivadinha para escrever uma carta de 2 ou 3 folhas, é cafonice, é irracional. O sistema de comunicação atual, é ágil e dispensa qualquer esforço maior ou dotes intelectuais. Alguns minutos de telefonema, a família, os vizinhos, todos interessados, ficam inteirados de todos os problemas e soluções, dos negócios ao lazer.

O aparelho de fax, a máquina de xérox, o telefone, o e-mail e a informatização, vieram colocar por terra todo romantismo que as pessoas tinham com missivas longas e redações buriladas. As correspondências são cada vez mais, econômicas, racionais e ágeis.

Atualmente, a comunicação breve, a racionalização de tempo e o custo são os ingredientes indispensáveis na vida atribulada do homem moderno.

Com a chegada da rede mundial de computadores, a exemplo da Internet, e com a Internet o e-mail, o endereço eletrônico, o correio eletrônico e a informatização das mensagens, as distâncias foram encurtadas e o mundo ficou pequeno.

O e-mail, como sinônimo de mensagem eletrônica, é talvez, o maior instrumento da comunicação de todos os tempos.

O e-mail é democrático, imparcial, de acesso fácil, estabelece vínculos virtuais duradouros entre pessoas conhecidas ou não conhecidas, que tendem ser preservados toda vida. É evidente que o homem pode usá-lo também para difundir idéias más, suscitar discórdias e semear maldades. Porém, são escroques da sociedade que serão alijados pelas técnicas de filtragem e os avanços da ciência, da informática e da cibernética.

O e-mail tem sido muito usado para transmitir conhecimento, disseminar mensagens de auto-estima, divulgar filosofia de vida, exemplos de fé, estreitar laços de amizade e fazer novos amigos.

A história da humanidade é cíclica, os fatos travestidos com outra embalagem se repetem, contrariando o filósofo Heráclito, que dizia: "... não nos banhamos duas vezes no mesmo rio..." , para explicar o eterno movimento das coisas. Heráclito não era o dono da verdade, mas a eterna mudança é um fato, todavia, parece que a humanidade se move em círculo sempre voltando ao ponto de partida. Por isto, acreditamos que a carta retomará seu lugar como forma de expressão romântica.

A carta simples, ingênua, recheada de palavras esperançosas, juras de amor, de saudade, de alegria, de romantismo, será novamente, a forma mais humana para encurtar distâncias afetivas e aproximar corações e vencerá às formas mais modernas da comunicação e da tecnologia.

XXXIII

Diário de um homem

02 de janeiro, Ano Cristão de 2007– Hoje, sinto-me angustiado. Pela manhã, diante do espelho, percebo que o tempo tinha passado e eu estava envelhecido. As mechas brancas de cabelo e os vincos no rosto e no pescoço, confirmavam o que eu não queria admitir: o tempo estava imprimindo suas marcas. Não fui ao escritório, eu decidi que iria à cidade a

pé, xeretar aqui e acolá, conversar com letrados e ignorantes para tentar descobrir os meus medos e as minhas angústias.

Sento no banco do jardim. Começo analisar como as pessoas passam apressadas, olhando para o relógio, numa luta contra o tempo para não chegarem atrasadas ao trabalho. Pela primeira vez, observo que cada pessoa é peça de uma grande engrenagem que funciona harmônica e sincronizada. Todos nós, ricos e pobres, brancos e pretos, letrados e ignorantes, cada um vive em função do outro. Se não houvesse o padeiro, não teríamos pão na mesa. Porém, foi preciso que alguém a quilômetros de distância, plantasse o trigo, ceifasse e vendesse para o dono do moinho que o industrializou. Depois, vendeu para a cooperativa. E a cooperativa repassasse para o dono da padaria e o padeiro fizesse o pão e que alguém comprasse para comê-lo. Isto é, operações e interações subjacentes do dia-a-dia, movem essa grande máquina que é a sociedade humana.

Comecei acreditar que Theilard Chardin tinha razão quando afirmou que no homem cruzam três infinitos: “o infinitamente pequeno, o infinitamente grande e o infinitamente complexo”. Pascal, filósofo francês, definiu o homem: “um nada diante do infinito e um tudo diante do nada, um elo entre o nada e o tudo, mas incapaz de ver o nada de onde é tirado e o infinito para onde é engolido”. Embora tivesse na cabeça esses princípios que definem a pequenez do homem e seu destino, neste dia 02 de janeiro, queria tirar as minhas próprias conclusões da essência do homem. Melhor seria não absorver conceitos conhecidos desses sábios, porém, ouvir o homem em seu estado de ignorância ou o homem da rua.

- Doutor, não trouxe o carro para lavar? – Perguntou-me um jovem “flanelinha”, assim que cheguei. Ele sempre lavava o meu automóvel – Não, não é preciso. Quando eu voltar da fazenda, você fará uma limpeza geral, no momento, é como pegar água em um samburá, dinheiro jogado fora. O rapaz concordou. Fiz-lhe uma pergunta inesperada: - rapaz quanto você ganha por dia? - Doutor, não há um tanto certo, tem dia que ganho pra farinha; outro, para carne. Se tivesse um emprego, teria salário fixo, chovesse ou fizesse sol. Aqui, doutor, sou igual a Tarzan, vivo de aventura nesta selva de pedra e cimento. – Gostei da desenvoltura do rapaz. Ele apesar de simples, era articulado e pragmático, fiz-lhe uma proposta: - Saulo (tinha me dado o nome), hoje, não pense em disputar seu sustento, vamos ficar papeando, quando terminarmos, dar-lhe-ei a melhor fêria que poderia obter trabalhando o dia todo. – Doutor, o tempo está chuvoso, não ganharia tanto neste dia, por isto, não aceitarei nenhum dispêndio, papear com o senhor é um aprendizado. Se quiser dar-me algo é por conta do seu coração e não do meu trabalho. – Falaremos nisto depois. Diga-me, qual o seu grau de escolaridade? – Não posso medir o meu conhecimento. A minha professora foi minha mãe. A minha escola, foi o bairro que nasci e fiquei homem, agora, estou estudando na faculdade do mundo. Não tive escola doutor, sou um autodidata da vida. – Ele era a pessoa que procurava...

03 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – A conversa com Saulo tinha me deixado impressionado. Falamos sobre amenidades: futebol, música, mulher, cotação do dólar, enfim, jogamos conversa fora. Fui trabalhar. Passei mais um dia no escritório. Fiz e peticionei alguns recursos jurídicos. Pelo fato dos juízes estarem em recesso, em férias, combinei com minha secretária que agendasse os meus compromissos, doravante, a partir das 14:00h.

04 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – Novamente, fiz o mesmo trajeto do primeiro dia. Fui conversando com conhecidos e colegas pela cidade. Parei na mesma praça e sentei-me no mesmo banco. Tive a impressão que Saulo não estava trabalhando.

- E aí Saulo, de folga outra vez? – É doutor, o mar não está pra peixe... O tempo esses dias, não está ajudando. Quando chove é essa pasmaceira. – Então, façamos o seguinte: eu também, estou de folga do escritório esses dias de férias forenses, que tal sentarmos ali naquele bar (apontei-lhe o bar), e enquanto conversamos, tomaremos um vinho ou whisky para animar os ânimos? – Doutor, não lhe prometo acompanhar na bebida, mas, enquanto o senhor bebe seu whisky, eu tomo um refrigerante, combinado? – Tudo bem, não tenho nada contra o abstinência e a sobriedade – encaminhamos para o bar.

Pedi um whisky com gelo e um refrigerante. Depois de um gole, voltei à carga sobre a nossa conversa de dois dias antes: - Saulo, com tantas coisas ocorrendo neste mundo de meu Deus, fico me perguntando: “o quê é o homem? De onde vem e para onde vai?” São perguntas que todos fazem, são conceitos primitivos que redundam num mesmo ponto. As respostas, às vezes, têm conotações religiosas. As respostas racionais, se apreendem mas também, não se comprovam. – Saulo era todo ouvido. Observei pelo canto do olho, que ele queria falar, deixei-o que tomasse iniciativa:

- É doutor, como todo mundo, tenho me questionado sobre a origem, a missão e o desfecho do homem. Melhor seria que aceitássemos a brincadeira de Diógenes, que depenou um frango e disse: “eis aí o homem de Platão!... “ - Confesso que não entendi, porém, não quis dar bandeira, ele completou: - Platão dizia que o homem ”é um animal bípede sem pena”, Diógenes o satirizou.- Saulo, você tem uma definição das características físicas e por extensão biológica. Falo do homem em sua essência. Do homem metafísico do ser em si. – É um assunto inesgotável. Tenho umas idéias malucas. São idéias de uma autodidata. Não sei se vale a pena externá-las... – Insisti que ele deveria, que seu depoimento não iria passar daquela mesa de bar. Afinal, quem éramos nós para criar um novo modelo teórico de um assunto que varava séculos e tinha tido à atenção de filósofos e cientistas? Ele terminou se convencendo:

-Doutor, vou usar o termo limbo que é um espaço, um lugar onde ficavam as crianças, que sem culpa, tinham morrido sem batismo e ficavam lá enquanto expiavam o seu pecado original, segundo a tradição católica do Século XIII. Acho que o homem fica em forma de energia (alma para alguns), numa espécie de limbo, aguardando seu processo de transição, que é a passagem do estado de energia para o humano e retornando (na morte), em forma de energia.

O homem sob o aspecto da Ética, da Psicologia, da Gnosiologia, o homem é moral, é sentimento, é conhecimento e razão. Para mim a essência do homem está no bem e no mal. Para Rousseau “o homem nasce naturalmente bom e a sociedade o corrompe”. Com todo respeito que tenho ao pensamento francês, acho que o homem nasce naturalmente mau e a sociedade, através da educação, o torna necessariamente bom. Quando o processo educacional é falho, os instintos primitivos prevalecem e o indivíduo torna-se nocivo à sociedade. Não estou defendendo o maniqueísmo, Deus e o Diabo, forças antagônicas do bem e do mal. Estou querendo lhe provar doutor, que o homem é naturalmente mau e a sociedade imprime-lhe ao longo do tempo, sentimentos de solidariedade, de amizade, de gratidão, de fraternidade e de amor. Quando o indivíduo é egoísta, não tem consciência moral, tem desvio de personalidade, é “frio”, como diz o vulgo, é que o seu processo educacional foi falho, exceto, quando ele é portador de um doença mental patológica genética, suas atitudes são aleatórias e seu comportamento alienado. Com o progresso da

ciência, essas áreas afetadas do cérebro não demorarão ser substituídas por “schips”. Eles irão substituir essas funções comportamentais incorretas. – Eu fiquei boquiaberto, não esperava que um simples trabalhador informal, tivesse idéias e conceitos filosóficos tão inteligíveis e um pensamento tão estruturado. Fiz-lhe uma provocação: - rapaz, você estudou em que universidade? – Doutor, hoje, com tanto livro espalhado pelo mundo e tantos meios de comunicação, basta ter gosto pela leitura, que não ficará desinformado. – Saulo, outro dia continuaremos nosso papo, irei lhe explorar!...

05 Janeiro, Ano Cristão de 2007 - Sexta-feira, último dia útil da semana para quem lida em repartições públicas. Pela manhã recebi alguns clientes, mais papo do que trabalho. À tarde dei uma passada nos cartórios para conversas com agentes da justiça. Na saída do escritório passei num barzinho conhecido e entei cervejas e Whiskys, fui para casa às 20:00 h.

06 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – Passei o dia na biblioteca de casa, procurando respostas para as minhas inquietudes da vida.

07 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – Fui à praia com a mulher e os filhos. Comemos, bebemos, jogamos bola, tomamos banho de mar, à noite, estava um caco.

08 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – Deixei todos os compromissos por conta da secretária e fui à fazenda. Instruir-lhe que se algum cliente procurasse por mim, que o agendasse para **terça-feira, à tarde**.

09 de janeiro, Ano Cristão de 2007 – Tive necessidade de lavar o carro. A estrada da fazenda tinha muitas poças de lama, por mais que tentasse desviar a camionete delas, a lama sujava os pára-lamas. Dei uma ducha no carro e fui procurar Saulo para que ele o secasse, lavasse os tapetes de borracha, e fizesse o resto da limpeza. Fui com a intenção de provocá-lo:

- Tudo ok, meu caro Saulo? – Doutor o senhor sumiu, nunca mais proseamos...
- Fui à fazenda. Vou fechar o cacau no armazém e precisava ver a quantidade na barçaça e quantas arrobas de cacau o pessoal já tinha ensacado.
- Doutor, com a vassoura-de-bruxa, cacau não é mais um bom negócio. Se tivesse dinheiro, seria pecuarista. Para o boi de corte não falta comprador. Além do leite, produz vários derivados.
- Saulo, não se iluda. Diz a sabedoria popular que “rapadura é doce mas, não é mole”. Bom negócio sempre é o do vizinho... Particularmente, não gosto de gado (crio umas duas cabecinhas para o leite da criançada). Para você ter lucro em gado, é preciso que você tenha muita terra, muito capim, muito gado, vacinas, manejo de pasto, é um inferno!...
- Então Doutor, prefiro não ter tanta dor de cabeça. Vou seguir o ensinamento de Cristo: “Não junteis para vós tesouro na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem”. – Lá vem você com sua filosofia de vida. Por falar em Cristo, qual sua opinião sobre religião?
- Doutor, sou um autodidata. O meu pensamento é falho, não tenho um embasamento teórico. Fico vermelho externando essas baboseiras, acredito que o senhor irá rir delas depois...
- Rapaz, não posso rir daquilo que estou sendo beneficiado. Não sei se concordo com tudo que você me expôs da última vez, entretanto, gosto de lhe ouvir. Se não gosta de religião, falaremos doutra coisa.

- Doutor, Karl Marx disse que religião “é o ópio do povo”. Ele era muito materialista, pensava somente na relação do capital e trabalho e nos meios produtivos. Não acho que a religião entorpece o povo, deixa o povo parvo. Claro que fazemos restrições às certas denominações religiosas. Tem gente usando a ingenuidade e o desespero dos incautos, ladrões com roupa de bispo.

Falei naquele dia que o homem é naturalmente mau, não foi? Acho que o senhor não se esqueceu. Também lhe falei que é através da educação que o homem se torna necessariamente bom. A religião está intrínseca nesse processo educacional de formação moral e intelectual do homem.

A religião está centrada no dogma, na doutrina da fé. Ela não torna o homem estúpido e entorpecido como pensava Marx. A religião dá ao homem expectativas transcendentais pela fé e pela razão. Alguém me disse que: “religião, política e mulher, não se escolhe se abraça”, se for escolher uma dessas sem defeito, não irá encontrar.

As históricas religiões asseguraram o limite do homem e do estado. Se não houvesse princípios religiosos rígidos, não teriam contido a sanha de muitos megalômanos, déspotas e criminosos travestidos de estadistas. As religiões estabeleceram os princípios da justiça, os “Dez Mandamentos” contribuíram para formação de sociedades antigas estribadas na lei e no direito.

Os líderes religiosos iluminaram a humanidade. Não se pode assegurar se foram seres divinos. Cristo, Maomé, Moisés, Buda, Confúcio e tantos outros foram marcos incontestes da História Universal. Não se pode negar que Cristo e Maomé dividiram o mundo.

Maomé foi um grande profeta, um iluminado, não obstante ter sido um homem comum, com mulheres, filhos e homem de negócio.

Cristo é o único que teve uma vida santa e sem mácula. Viveu e pregou o amor. Seus ensinamentos mudaram a face do mundo. Ele é a maior figura histórica. Não se sabe, porém, se ele era o Filho primogênito de Deus como proclamava-se. Em momento nenhum instigou a violência. As guerras religiosas feitas em seu nome, decorreram da sede de poder do homem.

Isso, doutor, é o que penso sobre a religião e sua função histórica e social – Saulo, mais uma vez gostei do seu discurso, obrigado.

10 de janeiro de 2007- Passei o dia no escritório, saindo somente, no intervalo de almoço. Profissionalmente, foi um dia bom, fomos contratados por novos clientes.

11 de janeiro de 2007- Tive que deslocar-me para uma cidade do interior para prestar assistência jurídica a uma cliente.

12 de janeiro de 2007 – Último dia útil da semana. Fui ao escritório à tarde. Na saída combinamos com uns colegas para uma pescaria na minha fazenda no domingo.

13 de janeiro de 2007 – Fui cedo convidar o meu amigo Saulo para pescaria de domingo.

14 de janeiro de 2007 – Eu e a esposa, dois filhos e mais três colegas e Saulo fomos em dois carros para minha fazenda. Observei que Saulo estava igual um peixe fora d’água. Procuramos ambientá-lo para que ele se sentisse bem. Tive ajuda dos filhos e da mulher nesta tarefa, procurei incuti-los que o meu amigo era uma pessoa simples, mas especial. E que só tínhamos a ganhar com sua amizade. Tivemos um dia excelente. Tomamos banho e pescamos pela manhã. À tarde, jogamos xadrez e dominó. No crepúsculo vespertino, nós,

os homens, voltamos ao ribeirão para tomar banho. Agora, Saulo já brincava com os meus filhos e com os colegas de maneira natural, tinha havido uma interação espontânea, entre ele e os demais. Depois da janta, alguns foram jogar. Eu e Saulo sentamos no alpendre da casa e começamos conversar. Depois de fazermos um balanço daquele dia, quanto lúdico foi, provoquei o meu amigo para que pudéssemos fechar o assunto do homem, da religião e de Deus:

- Saulo, falamos do homem e sua ligação com Deus através da religião. Você falou de alguns líderes religiosos, porém, está em voga, algumas religiões monoteístas no momento, a exemplo do Zoroastrismo, Sikhismo e Baháismo que não foram citadas. Elas não têm importância histórica? E, não falamos de Deus:

- Claro, elas estão inseridas em algumas culturas. Não as citei pelo fato delas representarem em sua maioria uma filosofia de vida do que propriamente uma doutrina religiosa, uma exegese bíblica, em que a palavra divina é exaustivamente analisada. Os fundadores dessas religiões as personalizaram. A exemplo do confucionismo, elas formam um corpo de preceitos morais e não de dogmas e princípios religiosos como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

Não sou deísta, nem agnóstico ou ateu. Também, não sou adepto do panteísmo que encontra Deus em todo lugar. É um tema que requer uma discussão ou uma “descrição” pormenorizada. Poderei tecer alguns comentários desprezíveis sem comprovação matemática. São idéias assim como as que expus entre nós. Elas não poderão transpor o limiar de sua fazenda, senão, vão nos taxar de loucos ou ridículos.

- É um compromisso que vou levar para o túmulo. Sei que é um assunto delicado e inesgotável. Jamais o homem vai explicar Deus sem passar pelo crivo da fé.

- Doutor, o seu raciocínio é lógico e demonstra que aceita Deus com suas características religiosas conhecidas: onisciência, onipresença, onipotência... não é?

- Foram esses os conceitos que aprendi na escola. Por isto, gostaria de ouvi-lo, quais foram os resultados de suas pesquisas? Se você tem um pensamento tradicional, encerremos o assunto. Tem-se algo diferente e quer dar-me a honra de tecer comentários, serei todo ouvido.

- A honra é minha. Quem na condição de autodidata não gostaria de conhecer o pensamento estratificado do conhecimento convencional? Acho que qualquer ser humano que tem um pouquinho de miolo na cabeça sentir-se-ia feliz ouvi-lo. Mas pelo que entendi, grassa no senhor o pensamento comum dos homens de ciência.

- Então, se é diferente, desembuche!...

- Comecei observar historicamente, que todos os povos, os mais primitivos, criam em um deus. Os pagãos representaram deuses, semi-deuses, em ferro, em bronze em ouro e nas mais diversificadas figuras animais ou humanas. Nos poemas, *Iliada* e *Odisséia*, de Homero, encontramos uma lista enorme de deuses: Apolo, Hera, Tétis, Afrodite, Poséidon, Ares, Dionísio, Eros, Zeus, etc. Todos eles tinham suas atividades voltadas para alguma coisa. Um era deus do amor, outro do vinho, da beleza, da sabedoria... isto é, cada deus tinha uma função específica. Até os nossos indígenas tinham os seus deuses com base no Sol, na Lua, na Terra... Nos seus rituais, eram invocados os deuses para os protegerem da doença, dos inimigos, ajudarem na colheita das plantações e na expulsão dos espíritos malignos e forças nocivas à natureza. O pajé e o xamã, substituíam o bruxo e o padre.

Com base nessas observações, entendi que o homem tinha criado deuses que eram de certa forma cópias daquilo que Platão defendeu na sua alegoria: o “Mito da Caverna”. O nosso mundo é uma cópia de um mundo real em si. Não é a cópia de um objeto particular, porém, a cópia do mundo das idéias como expressão maior do pensamento.

Deus não existe fora de nós, mas dentro de nós. Não é um Deus personalizado. Não é um Pai ou um Filho. Ele é energia inteligente, metafísica, transcendental. Emanada dele tudo que existe. Não é um ser ontológico, que se possa explicar a priori, seus efeitos, é que são a posteriori. Poder-se-á dizer que é uma energia causal.

O homem é uma infinitésima potência dessa energia. Poderíamos afirmar que o homem é cópia de Deus como ser criador. Ele é capaz de produzir e gerar idéias de uma realidade a priori. Ele é diferente de Deus porque é potência e não ato.

- Então, meu caro Saulo, então seu Deus é energia, não existe amor, sentimento, que não somos seus filhos? Sinceramente, não gostei de seu discurso para provar a existência de Deus. Então, as promessas de vida eterna não são verdadeiras? O homem não tem espírito? Não existirá uma vida além morte? – Meu caro doutor, não fui explícito e não é fácil passar para o papel e para as pessoas essas idéias, já tentei escrever e não passei de duas linhas. Talvez, tenhamos que deixar para um momento mais inspirado!... – Por favor, Saulo, é somente o final de sua exposição que não ficou clara. Vou mandar trazer-lhe um café, para mim uma bebida, espaiemos, depois retornemos somente no finalzinho. Prometo-lhe de hoje em diante não mais importunar-lhe, nem que eu tenha um milhão de dúvidas.

- O senhor tem razão, não podemos fazer um corte neste momento por conta da comodidade. Vou tentar responder suas últimas perguntas.

Não diria filho na acepção do dia-a-dia. Diria que somos suas criaturas, somos semelhantes a Ele, como único ser capaz de criar. É apanágio do homem e não doutro animal, a criação e a invenção.

Falei energia, para expressar algo que emana. Ele é amor, é bondade, mas não como entendemos e aprendemos. É como se fosse à essência da essência, algo sublime e de perfeição absoluta.

Acho que teremos outra vida ou outra forma de vida. Não essa vida de sofrimento e limitações. Não existirá reencarnação e a ressurreição será um retorno a essa emanação transcendental e eterna.

Tudo que dissertamos nos parágrafos anteriores, não seria possível se o homem fosse desprovido de espírito, que é uma energia vital que quando deixa a matéria retorna às emanações infinitas.

- Saulo, não posso lhe pedir mais do que eu lhe pedi. Porém, obrigado por tudo. Não é fácil apreender princípios novos, prometo-lhe que farei uma reflexão sobre os seus ensinamentos.

XXXIV

Doglândia



Os cachorros estavam em polvorosa, todos queriam falar ao mesmo tempo. O cachorro que estava com o microfone pedia silêncio e ordem:

- Senhores, há uns 15 minutos que lhes peço silêncio e ordem para que eu possa ler a pauta. Depois os senhores reclamam dos humanos... – esbravejou.

A Confederação dos Cachorros Nacionais – CCN, tinha marcado uma assembléia para discutir os problemas urgentes que grosso modo eram os empecilhos para que todos tivessem uma digna vida de cachorro.

Lá estavam representados todos os cachorros do país: do vira-lata ao sofisticado pit-bull do presidente da república de Doglândia. Nas primeiras cadeiras ficaram os Poodles, os Rottweillers, os São Bernardos, os Yorksires, os Malteses, os Labradores, os Huskys Siberianos, os Foxes Terrieres e os filas brasileiros.

Lá em Doglândia também se encontravam: o cachorro do presidente, o cachorro do ministro, o cachorro do secretário, a cachorra da primeira dama, o cachorro do deputado, o cachorro do senador e o cachorro do ministro da Justiça. Todavia quem estava conduzindo os trabalhos, era um cachorro barbudo, sem pedigree, mas que tinha notoriedade nacional, pois transitava em todas as camadas sociais, nas classes sociais pobres, ele tinha mais penetração.

-Senhores, nós iremos falar inicialmente, sobre a nossa comida que com algumas exceções, torna-se cada vez pior – alguém no auditório solicita à palavra:



-Senhor Secretário, eu represento o Nordeste. A vida de cachorro lá não é fácil, nós comemos as sobras dos nossos amigos humanos. A recíproca que “é melhor ter um cachorro amigo do que um amigo cachorro”, lá não é verdadeira. Esse negócio de ração é pra cachorrada rica do Sul de Doglândia. Eu soube que aqui na Capital Federal, os cachorros almoçam alcatra e filé mignon... – o orador não terminou de falar:

-uau, uau, uau, uau, uau...o latido era geral!...- o cachorro Secretário bateu na mesa:

-Senhores cachorros, assim não é possível! A algazarra não constrói. Ganhar no grito é coisa de humano, temos que ouvir o nosso orador, depois cada um se manifesta – o silêncio voltou a reinar no auditório.

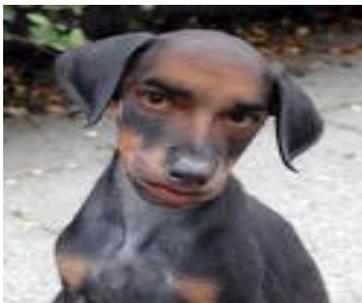
-Ia dizendo que os cachorros dos deputados, os cachorros dos senadores, os cachorros dos ministros... comem filé mignon, alcatra e outras delícias humanas, quando fui interrompido. Não é nenhuma aleivosia, é verdade, aqui todos passam bem, lá no Nordeste, nem os nossos amigos humanos degustam dessas iguarias... – foi interrompido mais uma vez:

- O Laulau me concede um aparte?

- Aparte concedido. Porém, gostaria de informar ao cachorro amigo, que não me chamo de Laulau, mas de Lulinha, fique à vontade! – esclareceu o orador.

-Desculpe-me companheiro, tudo começa com “L”, troquei alho por bugalho. Mas quero esclarecer ao nobre orador que onde há fumaça, existe fogo. Não é de todo mentira, sei que isso acontece quando os nossos amigos humanos deixam os seus sobejos. Geralmente, os cachorros daqui comem comida industrializada em nome de uma boa saúde e, diga-se de passagem, alimentação cada vez mais fedorenta, come-se apulso... é àquela história: “quem não tem cachorro, caça com gato”. A mídia extrapola um pouco, mas não é de todo mentira.

- Justificou o orador.



O Secretário mais uma vez, chamou à atenção dos demais companheiros para não divagar com discussões estéreis de somenos importância, lembrava-lhes que havia uma pauta extensa e significativa para maioria:

-Senhores cachorros, não vamos transformar nossa assembléia em um caldeirão de futilidades. Se os nossos amigos estão comendo bem na Capital Federal não lhes cabem críticas, o importante é que trabalhem para que todos tenham uma vida de cachorro digna. – falou o Secretário.

No meio da cachorrada surgiu uma cachorra magrinha, de pelos luzidios, da raça Basset, doída para falar. Pelo seu pequeno tamanho e sua voz rouca não tinha conseguido ainda ser ouvida. Pelos olhos de lince do Secretário, foi enxergada de longe, com as mãozinhas levantadas pedindo para falar.

-Senhores, nós vamos ouvir à senhorita ali do meio! – interrompeu o Secretário. Todos fizeram silêncio. A pequerrucha com um bonezinho branco e óculos escuros se destacava pela beleza.

-Amigos, eu comungo com o cachorro Secretário. Se houver dissensão entre nós, jamais iremos ter sucesso nas nossas reivindicações. A comida não é a coisa mais importante das nossas discussões. Eu sou do Nordeste, jamais irei trocar uma buchada de carneiro ou um pedaço de carne de bode por um prato refinado de caviar. Além disso, lá desfrutamos de liberdade que não a encontramos aqui. – todos foram unânimes nas ovações.

-Muito bem senhorita! Posso saber sua graça? – perguntou o Secretário.

-Hanna!

-Senhorita... – interrompeu a cachorra:

-Por favor, pode me tratar por “senhora”, embora eu seja nova, já tenho três filhotes e um marido. – advertiu Hanna.

-Eu gostei do seu aparte. A senhora foi lúcida e objetiva em suas colocações. Temos que nos unir naquilo que é do interesse da maioria e não aos casos pontuais. O cachorro do presidente, do ministro, do deputado e de outras autoridades, são cachorros que vivem no bem bom e milhões doutros cachorros passando fome e necessidade. Por isto, na pauta colocamos os assuntos relevantes e do interesse da maioria. – definiu o Secretário.



Uma Poodle tratada, cheia de lacinho, perfumada, de nariz arrebitado, suspendeu a mão pedindo pra falar. Foi atendida, pois estava com a mão estirada fazia algum tempo:

-Senhores, eu não concordo com o Secretário que tenhamos que seguir literalmente sua pauta. Ele definiu muito bem os assuntos, mas se esqueceu de acrescentar em sua pauta “o quê houver...”, de praxe em todas as reuniões, às vezes, surgem coisas importantes para discussão que não estão na pauta! – todos concordaram. - O Secretário, político, polido e educado, pediu-lhe para que a elitizada cachorra continuasse sua fala:

-Senhores, eu não quero causar nenhum mal estar, porém, têm coisas que são do interesse duma classe privilegiada que passam ser do interesse de todos pela gravidade e... por exemplo... - fez uma pausa como se tivesse esquecido de algo, aí começou uma balbúrdia...

– O Secretário teve que intervir:

-Senhores, quando um cachorro fala, o outro murcha a orelha. Vamos ouvir as colocações da senhorita Poodle! – a balbúrdia foi controlada.

-Senhores cachorros, o meu nome é Laika, moro em uma casa rica aqui na capital de Doglândia. A minha queixa talvez não tenha sentido para maioria da minha raça, mas muitos irão considerar a minha queixa procedente. Explico-lhes:

-Eu e mais milhares de cachorros somos agredidos no dia-a-dia em nossa natureza. Alguns humanos sublimam suas frustrações, seus complexos, suas fobias, suas decepções amorosas em cima dos cachorros.

Enchem-nos de perfume, de laços de fita, de vestuário, transformando-nos em seus bibelôs de luxo e de prazer. Pensam os humanos que é fácil ficar o tempo todo perfumado ou cheio de talco? Não, não é fácil. Quero ter cheiro de cachorro. Além disso, senhores cachorros, muitos nos usam em suas fantasias sexuais doentias.

As filhas das dondocas nos aborrecem, levando-nos pra aqui e pra acolá contra nossa vontade.

Tenho dito!... – todos bateram palmas de pé.



A discussão continuou. Um vira-lata usou da palavra para manifestar sua vida de cão vagabundo:

-Cachorros amigos, eu não tenho dono, moro na rua, não me queixo por isso. Sou livre. Vou para onde quero sem dar satisfação a ninguém, mas nem tudo é flor! Não desejo perfume nem talco, todavia, sinto falta de alguns cuidados como um banho de vez em quando, remédios, inseticidas para debelar os nossos inimigos carrapatos e pulgas. Hoje, antes de chegar aqui, corri como um cachorro-louco, porque os humanos estão com uma carrocinha levando os cachorros sem dono para fazer lingüiça. Quando o cachorro é saudável, é bonito, eles deixam-no de quarentena até surgir um humano que se interesse e leve-o para sua casa. Os humanos fazem isso também com os seus filhos adotivos. Por isso, quero passar um abaixo-assinado, para os senhores entregá-lo à Sociedade Protetora dos Animais, em nome de todos. – concluiu.



O Secretário comunicou à Assembléia que o cachorro de Bush, Barney, tinha tido a gentileza de enviar um e-mail, desculpando sua ausência, justificando as preventivas medidas de segurança que tinha de seguir para não ser mordido pelo cachorro de Osama bin Laden, terrorista raivoso, que quando não mordia, explodia carrocinhas de bombas, espalhando carne de cachorro para todos os lados...

Alguém da platéia, intempestivamente, sem os mínimos requisitos de civilidade, interrompe a fala do Secretário:

-Não seria necessário ler as desculpas desse famoso cachorro! Ele quer fazer média diplomática com os seus irmãos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Para mim, tanto o cachorro de Bush e de Osama são da mesma laia. Dou um pelo outro e não quero volta! – mesmo sem ser chamado, foi aplaudido com fervor.

-Senhores, em todo lugar há bons e maus cachorros. Cachorros sérios, cachorros corruptos e cachorros ladrões ocupam simultaneamente, os tribunais, os legislativos, os executivos, os Estados Maiores, as Forças Armadas, as polícias, os bancos, as indústrias, o comércio, enfim, como os humanos, nós temos, também, tumores benignos e malignos, mas graças ao nosso protetor São Roque, os benignos são maioria. – todos assentiram.



-Senhores, nós estamos aqui há 4 horas, já colocamos enésimos problemas, porém, nenhuma proposta para encaminhamento. Quero ouvir, doravante, propostas sucintas para solução dos nossos problemas. Para racionalizar os nossos trabalhos, de agora em diante, somente o cachorro inscrito usará à palavra por um minuto, um minuto e meio para réplica e tréplica, os demais cachorros usarão a prerrogativa do voto. – o Secretário exigiu objetividade dos conferencistas e delegados, surge à primeira proposta:

-Senhores, meu nome é Kid, nasci aqui em Basilândia, capital do país e sou companheiro do ex-deputado Robert Justus. Gostaria de levar aos meus pares à proposição: “... serão denunciados ao Fórum Internacional dos Cachorros – FIC, os corruptos, os corruptores, os traficantes, os ladrões, os sonegadores, os mentirosos, os facínoras. Que sejam presos sem direito a sursis ou gozem de redução progressiva de pena, suas aposentadorias anuladas, suas rações reduzidas e seus bens confiscados...” – não terminou de falar. As palmas estridentes e os gritos de vivas ouviam-se nas galerias, nos mezaninos e até fora do prédio. Parecia que Kid tinha solucionado, com uma dúzia de palavras, os males de 500 anos de história de Doglândia. O Secretário, também convencido da panacéia de Kid, disparou a campanha, conclamando para que todos retornassem aos seus lugares, que iria formalizar a proposta:

-Cachorros amigos, o senhor Kid tem uma proposta interessante, acho que teve apoio da maioria absoluta. Quero apenas convidar os cachorros advogados para analisarem os aspectos jurídicos, em seguida, encaminharemos formalmente aos órgãos da República e aos Fóruns Internacionais... - os sábios juristas já se encaminhavam pra mesa, quando do fundo da sala se ouve uma voz de barítono:



-Senhores, um momento, eu gostaria de fazer algumas considerações se me for permitido... – era um fila brasileiro que pelo seu tamanho, ele tinha se acomodado nas poltronas do fundo por serem mais espaçosas. O Secretário concedeu-lhe a contragosto à palavra:

-Senhor, a proposta do nosso companheiro Kid já foi ovacionada e encaminhada à mesa para ser formalizada. Concedo-lhe à palavra se for uma questão de ordem, senão, que não haja solução de continuidade em nossa reunião!

-Senhor Secretário, sou um tabaréu do interior, não sei bem o que é “questão de ordem” e não me interessa saber. Só sei que estava aqui em meu canto lhes ouvindo e ruminando no meu pensamento o certo e o errado. Sei também, que uma democracia se caracteriza pela

opinião de todos, inclusive, a opinião dos que não concordam. – o desconhecido se firmava...

-Não estamos aqui para cercear o direito de ninguém, mas o conflito não é bem vindo em matéria discutida e aprovada. – falou o Secretário.

-Concordo com o ilustre Secretário quando fala em matéria “discutida e aprovada”. O senhor Kid teve a sorte de sua proposta ser aprovada sem discussão como um axioma. Não sei se sua proposta resolveria os nossos problemas endêmicos. Não me agrada a onda de “denuncismos”, de delações, de dedos-duros, de falsos moralistas. Já vimos esse filme com os humanos, nada melhorou, nada solucionou... – foi interrompido:

-Seu nome, senhor? – perguntou o cachorro Kid. –Descartes, Senhor!

-Senhor Descartes, sua crítica a priori à nossa proposta, teria que ser embasada numa solução – argumentou Kid.

-Acho que não existe uma solução à vista, de imediato. Não se resolvem maus costumes, somente, com denúncias, delações, decretos e punições. É necessário que se crie uma cultura ética duradoura de pais para filhos. Denúncias vazias, poderes corrompidos, delações, impunidades e injustiças são os exemplos que os humanos estão nos oferecendo, ultimamente, sem soluções efetivas, sua proposta é semelhante. Pergunto-lhe e aos demais companheiros, é essa a solução que queremos?... – contra-argumentou. A maioria dos cachorros presentes, estava dividida. Um burburinho começou tomar corpo, foi necessário que o Secretário disparasse a campanha pedindo-lhes silêncio:

-Senhores, nós não podemos continuar o trabalho nesta balbúrdia. Silêncio!... Uma oradora está inscrita e quer falar. – as coisas foram se acomodando. Todos viram quando uma cachorra gatinha subiu no palco com um papel nas mãos com a intenção de dizer alguma coisa:



-Senhores e senhoras, eu me chamo Picles da família Poodle, uma das famílias mais elitizada de Doglândia. Eu concordo um pouco com o senhor Descartes, o “denuncismo” termina atingindo e enxovalhando inocentes. Neste país todo mundo tem o rabo preso, principalmente, os poderosos, por isto, escrevinhei uma proposta e gostaria de ler o resumo para os senhores. – e leu alto para que todos ouvissem-na, desde o cachorro da primeira fila até o último do mezanino ou da galeria, o sistema de som lhe ajudava:

-A minha proposta consiste em:

-Eleger 16 de agosto o dia do protesto, doravante. Nesse dia, faríamos manifestações em praças públicas, na mídia, com o auxílio de cachorros famosos como Floquinho, Rin Tin Tin, Scooby Doo, Snoopy, Bidu, Banzé, Ideiafix e outros artistas, divulgando e exaltando as boas ações da nossa raça;

-Os cachorros privados e de rua espalhariam pum, coco, xixi, pipi, nos tapetes, dos órgãos públicos e empresas privadas, nas ruas, nas praças no comércio nos bancos, nas indústrias, proporcionais às ações ruins praticadas no ano anterior, ou seja, quanto maior tivesse sido os escândalos, em dobro seria a sujeira;

-Deixarmos a critério dos órgãos policiais, da Justiça, do Ministério Público, a tarefa preventiva, investigativa e punitiva;

-Enfim, que as más ações não sejam as manchetes principais de qualquer mídia, que criemos na mídia uma consciência e uma cultura éticas.

-Tenho dito!- as aclamações foram duradouras e estridentes.

Pickles tinha surpreendido a cachorrada. Sua proposta não era uma caça às bruxas ou um ode à impunidade, mas um drama sem final trágico.

Não houve mais aparte nem réplica, nem tréplica, talvez, a cachorrada estivesse cansada. À saída, alguém falou com Spinoza:

-E aí cachorro filósofo?

-Se a razão não resolve, talvez, a merda e o xixi sejam a solução!

Assim terminou a assembléia e o grande encontro da cachorrada em Doglândia. Qualquer semelhança não é mera coincidência, é semelhança mesmo!...



-

Carta para Maria João
R. Santana

Querida Maria João:

Recebi ontem, dia 28 de agosto do ano cristão de 2008, o seu livro, com o sugestivo título: “O polvo não sabia que o mexilhão tinha asas”. Quero lhe pedir licença para fugir de qualquer formalidade lingüística e misturar os pronomes de tratamento, usar figuras de linguagem, figuras de estilo, como eufemismos, hipérboles, ironias, metáforas, metonímias e por aí afora, assassinar a gramática, cometer algumas cacografias e usar uma linguagem descomprometida e nada convencional, uma linguagem de tabaréu que nunca arredou pé do seu país.

Como ia lhe dizendo, recebi o seu livro e fiquei envaidecido, abestalhado, parvo, corri para os vizinhos e minha família para mostrar-lhes que uma escritora portuguesa, que mora do outro lado do oceano, uma européia, me honrara com um livro autografado e uma carinhosa dedicatória: “Para o Rilvan, meu amigo e companheiro de escrito, com um grande abraço”. Que honra para um desconhecido cidadão!... É que Maria, aqui na minha cidade, a maioria me conhece como um simples professor e não com o dom de colocar palavras bonitas e cheias de vida no papel.

Não sou um mestre da prosa e nem da poesia, não nasci com a inteligência linguística do baiano Ruy Barbosa, que na Conferência de Haia deixou o Barão de Marschall da Alemanha no chinelo, por ter as idéias mais brilhantes e falar em todos os idiomas oficiais

daquela conferência e quando o seu antigo professor e filólogo Ernesto Carneiro Ribeiro fez alguns senões ao seu estilo na redação do Código Civil do Brasil de 1902, Ruy deu origem a maior polêmica filológica da língua portuguesa com vários livros de Réplicas e Tréplicas, nunca visto dantes, tamanha briga de egos e vaidade intelectual. Porém, eles deixaram para posteridade, uma análise filológica da língua portuguesa que ainda serve de parâmetro aos lingüistas de hoje.

Por isso, a razão da minha euforia quando o livro chegou, recebia duma pessoa tão distinta, de uma poetisa da prosa, o epíteto de “companheiro de escrito”, isto é, tinha passado de um simples escrevinhador de pálidas histórias da vida, do dia-a-dia, para categoria de escritor. Há distinção maior para quem gosta de mexer com as palavras? Acho que não!...

Cara amiga Maria João, eu não tive tempo ainda para ler todos os contos do seu livro, mas o que li: “O sonho do rio”, “Infatigável lanterna”, “Chave Mágica”, “Um caranguejo em apuros”, dentre outros, tem uma coisa em comum: o lirismo. É uma prosa adocicada, fácil, leve, com cheiro de rosa, de personagens simples, humanos, diria: ingênuos de alma e coração, mas não é de admirar, pois o título do seu livro é, talvez, o menor poema do mundo: “O polvo não sabia que o mexilhão tinha asas”. Não sei se a preclara amiga, o escolheu pela sonoridade ou pelo eufemismo que encerra em si, enquanto o polvo é um predador, cheio de tentáculos, que come peixes e crustáceos e invertebrados, o pobre do mexilhão fica preso às rochas através dos biscoitos e é um prato predileto das estrelas-do-mar. Em comum, o mexilhão e o polvo, são apetitosos moluscos, que os chefes de cozinha do mundo, criam os mais variados e gostosos cardápios, mas enquanto o polvo entorpece os seus predadores, lançando em sua fuga uma tinta tóxica e espessa, o pobre do mexilhão fecha-se em suas negras e azuladas conchas e ao invés de veneno, oferece pérolas ao homem, o seu mais pérfido predador.

Ah minha amiga, tua sensibilidade poética deu “asas” ao indefeso mexilhão para que ele se desgarrasse das rochas e fugisse dos seus inimigos naturais e surpreendesse o polvo com suas asas.

Mas, minha amiga, cá como lá nas terras lusitanas, não faltam gênios da palavra, artífices na descrição do amor e construtores imbatíveis da prosa e da poesia. Sua terra é um seleiro de talentos inesgotáveis. Gênios como Camões, Eça de Queirós, o cego Castilho, Júlio Diniz, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Ferreira de Castro e mais recente, Fernando Pessoa, honram qualquer pátria e qualquer nação, com certeza, hoje, eles continuam portugueses de nascimento, porém, acima ou abaixo da pátria, eles são patrimônios da humanidade.

Aqui como lá, estimada Maria João, temos também os nossos gênios da música, da pintura, da poesia, da ciência, do futebol e, principalmente das letras. Tu conheces: Machado de Assis? Monteiro Lobato? Graciliano Ramos? José Lins do Rego? Jorge Amado? Érico Veríssimo? Drummond de Andrade? Guimarães Rosa? Vila Lobo? Cartola? Castro Alves? Álvares de Azevedo, Aluísio de Azevedo? Tomás Antônio Gonzaga? Certamente que sim. Porém, erudita Maria João, dentre esses monstros sagrados, eu quero tua licença, para falar de dois gênios que se não tivessem nascido nestas terras tupiniquins, seriam tão endeusados quanto William Shekspeare, Milton, Allan Poe, Haminguey, Dante Alighieri, Plínio, Cícero e tantos outros que a memória me trai.

Tu ouviste falar de Joaquim Maria Machado de Assis? Claro, porém, tu conheces a vida e a obra de Machado de Assis? Acredito que sim, mas minha amiga se tu não conheces a fundo esse gênio brasileiro, peço-te que dê uma folga aos seus afazeres e mergulhe na vida e na obra desse imortal das letras, desse artista da pena, pois além do exemplo de superação que

deixou de menino pobre, mulato, gago, epiléptico, órfão de mãe e pai paupérrimo, ele aprendeu sozinho, latim, grego, francês, inglês e senhor absoluto da língua portuguesa. Com certeza, a minha amiga já leu Dom Casmurro, a Cartomante, Ressurreição, Memórias Póstumas de Brás Cubas e tantos outros títulos deixados por Machado de Assis, que me escuso citá-los para não encher o saco e a paciência da querida Maria João.

Dom Casmurro minha amiga, é uma elegia em prosa. Machado de Assis vai tecendo fio por fio da trama, o amor, a amizade, a infidelidade, a confiança, a traição, a paixão e come frio o prato da vingança, mas “in dúbio pro réu”, é castigado ao longo do tempo pela consciência da incerteza e da dúvida e termina os seus dias longe de tudo e de todos, um dom casmurro, um anti-social e a memória de Capitu, Escobar e Ezequiel, corroendo dentro de si.

Ademais minha amiga, é este mulato, descendente de escravos alforriados, casado com uma ilustrada mulher Portuguesa, Carolina Augusto Xavier de Novais, irmã do poeta português Faustino Xavier de Novais que fundou a nossa Academia Brasileira de Letras e foi o seu primeiro presidente. Hoje, sua obra é traduzida e lida em todos os rincões do mundo.

Ah minha amiga, agora vou te pegar, sei que tu és uma intelectual das letras, uma filósofa, uma sabichona, mas tenho certeza que por essas nobres bandas lusitanas, não se conhece Angenor de Oliveira, ajudante de pedreiro, lavador de carro, biscateiro, fracassado negociante, serventuário público, poeta, compositor, sambista, músico e um dos fundadores da Mangueira, sua escola de samba verde rosa querida.

Se ainda tu não descobriste quem é Angenor de Oliveira, tu não fiques triste, aqui, quase ninguém o conhece por este nome, mas se eu te falar, cá como lá, do compositor que produziu mais de quinhentas composições de primeira grandeza e foi visitado no seu Buraco Quente (um bairro no morro da Mangueira), por nada menos e nada mais do que os mestres da música, os maestros Stokovsky e Villa Lobos. O imortal Cartola, o conhecido negro Cartola, pérola negra da nossa poesia musical, acredito que tu sabes quem é, mas se tu ainda não lembraste, vejas aí em tua discografia, se tu encontras uma composição de Cartola, na voz da grande sambista Beth Carvalho:

As Rosas Não Falam

Beth Carvalho

Composição: Cartola

Bate outra vez

Com esperanças o meu coração

Pois já vai terminando o verão

Enfim

Volto ao jardim

Com a certeza de que devo chorar

Pois bem sei que não queres voltar

Para mim

Queixo-me às rosas, mas que bobagem

As rosas não falam

Simplesmente as rosas exalam

O perfume que roubam de ti

Devias vir

Para ver os meus olhos tristonhos

E, quem sabe, sonhavas meus sonhos

Por fim

Mas se tu ainda fores bairrista como o teu compatriota Eça de Queirós, que certa feita disse que “falar bem o nosso idioma é pronunciar mal o idioma estrangeiro”, que não acredito, pela mulher moderna do Século XXI que tu tão bem representas, que tu só ligas pra fado e não gosta de samba, esclarecer-te-ei, que os dois gêneros se completam no canto e nos pés pela força da alegria e da dança.

Minha amiga, volto a bisbilhotar “O polvo não sabia que o mexilhão tinha asas”, inxerido, descubro o teu reconhecimento ao teu cônjuge Carlos de Oliveira que contribui com o desempenho do teu trabalho. Não me surpreendi, porque antigamente, dizia-se erroneamente, que “por trás de todo grande homem, havia sempre uma grande mulher”, hoje, o “por trás de todo grande homem...”, foi substituído “ao lado de todo grande homem...”, contigo, dir-se-ia a partir do teu reconhecimento ao marido que “ao lado de uma grande mulher, há sempre um grande homem”.

Espero ter expresso nestas páginas, o meu modesto comentário sobre o teu livro que não rompe com o gênero da escola realista, concretista, positivista, materialista, mas coloca um pouco de açúcar na realidade dura dos nossos dias, na angústia do homem e com letras coloridas coloca no papel a realidade da vida, sem ser piegas ou uma ingênua romântica.

Quero te parabenizar pelo “O polvo não sabia que o mexilhão não tinha asas” e que este parabéns seja extensivo aos milhares de homens e mulheres que cultivam as letras, a música, a pintura, a dança e outras manifestações culturais. Dizer-te que a literatura é o alimento da alma, que enquanto tiver uma viva alma produzindo textos como os teus levando entrelinhas amor e esperança, o homem será mais feliz.

Enfim, abominar os cérebros, as inteligências que produzem bombas atômicas, armas biológicas, armas nucleares, armas de fogo, foguetes e toda parafernália que destrói o homem e sua esperança de paz!...

Do amigo, agora, “companheiro de escrito”,

Rilvan Batista de Santana

e-mail: rilvansantana2005@yahoo.com.br

Blog: <http://saber-literario.com>

O caminhoneiro
R Santana

Diz o provérbio popular que quem conta um conto aumenta um ponto. Não existe outro preceito mais verdadeiro da comunicação oral.

Não me lembro do nome da técnica pedagógica que participei quando estudante, em priscas eras, mas lembro-me que um professor de Literatura, para justificar a força da tradição oral e a riqueza da imaginação popular, reunia um grupo de 15 ou 20 alunos numa sala, em círculo, cochichava ao ouvido do primeiro uma pequena historinha, a exemplo de: “o cavalo de Napoleão era branco e possuía uma cela dourada...” e cada aluno ia retransmitindo essa historinha ao ouvido do mais próximo e quando o último aluno contava o que tinha ouvido do penúltimo, a historinha continuava fiel à sua essência, mas novos fatos lhe eram acrescentados nunca diminuídos.

Nas minhas férias juninas deste ano, conheci um caminhoneiro em Estância, alegre cidade sergipana, com um veio humorístico natural que se bem produzido e lapidado, deixaria o rouquenho Chico Anísio e o intragável Tom Cavalcante no chinelo.

Irei chamá-lo de Clinton. Não é o mulherengo Clinton e ex-presidente estadunidense, é um Clinton sergipano, ingênuo, simples, pai de família, que se diverte fazendo gozação de tudo e de todos. O seu alvo preferido é o negro: “a culpa é da princesa Isabel...” e arrematando: “... mas tudo vai voltar ao que era, pois a princesa assinou a Lei Áurea a lápis!...”, então, com a própria mulher: “quando eu a conheci, a única carne sem osso que ela comia eram bofes de carneiro, agora, a infeliz só quer comer filé-mignon, ou, a primeira vez que a levei para praia, ela perguntou-me onde era a fila do ingresso”.

Não pense o leitor que Clinton é racista, conhece História, Antropologia, deboche com maldade do negro ou discrimine o pobre, é tudo brincadeira e gozação, pois ele tem pessoas que lhe são caras que são negras e pobres. Ele não fala em tom racista e discriminatório, mas usa os notórios fatos históricos como gancho para sua comédia cotidiana.

Pois foi esse humorista do povo que me contou uma história de arrepiar os cabelos sobre um caminhoneiro que ficou enguiçado na estrada por uma falha mecânica ou elétrica de sua carreta, no escuro da meia noite.

Não sei se reproduzirei ipsolon por ipsolon a narração de Clinton, mas procurarei ser fiel às suas palavras e se o leitor achar que estou lhe faltando com a verdade, que estou inventando, que acrescentei mais de um ponto ao conto, darei o endereço de Clinton e se foi um conto da carochinha que ele me contou, que sua despesa de ir até lá seja ressarcida. Porém lhe advirto: pescador e carreteiro mentem mais do que cachorro de preá, é muito

difícil, nós, de imaginação mediana, descobriremos, onde a mentira finda e a verdade começa.

Contou-me que um caminhoneiro quebrou o seu carro antes de chegar aos Treze de Lagarto. Um lugar bonito, cercado de muitas fazendas de pecuária e muitos sítios, mas pela adiantado da hora, não havia uma viva alma para pedir socorro, fazia medo. Destemido, o motorista ligou uma lamparina à bateria e começou futucar a máquina para localizar o defeito e sair daquele sufoco. Quando do nada surgiu um homem, ainda moço, oferecendo-lhe ajuda.

O caminhoneiro assustou-se no início, mas o desconhecido foi-lhe tão prestativo, convincente, que na casa do sem jeito, ele não teve outra saída senão aceitar os seus préstimos:

-O senhor é mecânico? – perguntou-lhe o carreteiro.

-Trabalhei muito tempo com essa marca de carro!

-Não dirige mais?

-Não, dou socorro aos meus colegas, quando me é oportuno!... – e assim, deu-se o encontro.

Ficaram mais de três quartos de hora mexendo aqui e acolá. Descobriram que o defeito era de somenos importância: um fio que tinha rebentado e interrompido a corrente que alimentava o sistema elétrico. Restaurado o sistema elétrico, arrumada as ferramentas e grato pelo serviço, o carreteiro desejou quase a pulso, compensar financeiramente aquele desconhecido que não sabia de onde ele tinha vindo e não sabia para aonde ele ia e que lhe tinha sido tão providencial.

-Senhor, aceite o meu pagamento! – pediu-lhe o carreteiro.

-Não, não fiz nada para merecer este pagamento!

-Deixe de ser modesto! Se não fosse o senhor, eu teria que ir a Lagarto buscar um mecânico ou um reboque, por um fiozinho rompido... – insistiu o carreteiro. Por isto, o desconhecido lhe propôs:

-Já que o senhor insiste, passe nos Treze e dê esse dinheiro à minha mãe!... – deu-lhe o endereço e o nome de sua genitora e seguiu viagem a pé.

O carreteiro, pelo atraso, pela pressa, passou nos Treze e foi direto para Lagarto e somente lá depois da carga entregue é que se lembrou do compromisso e no retorno passou pelo lugarejo para localizar o endereço e a mãe daquele que lhe socorreu num momento difícil e depois de alguma procura, encontrou uma velha senhora de cabelos encanecidos e grande foi sua surpresa:

-Minha senhora, foi o seu filho que me pediu que lhe desse este dinheiro!!! – repetiu o caminhoneiro pela terceira vez.

-Já disse ao senhor que não tenho filho homem. O único que tinha morreu num acidente de caminhão há quatro anos! – disse-lhe a pobre senhora.

-O seu nome é Elizabeth Pinheiro?

-Sim!

-Aqui não é Rua X?

-Sim!

-Existe outra Elizabeth Pinheiro aqui nos Treze?

-Acho que não!

-Então, é a senhora mesmo!... – o caminhoneiro já impaciente, quando surge uma jovem senhora que intercede no diálogo:

-Senhor, o único irmão que eu tinha morreu há quatro anos!

-Sua mãe já me falou!

-Ele deu-lhe o nome? – o caminhoneiro ficou meio absorto, forçou a mente para lembrar, mas por fim...

-Acho que disse qualquer coisa como “Kiko”, “Kid”, “Quito”... – as mulheres estavam intrigadas...

-Quito! – adiantou a irmã. Completou:

-Ele se chamava “Francisco”, mas nós o chamávamos de “Francisquito”, inicialmente, depois de “Quito” e com o apelido de “Quito” morreu!... – o caminhoneiro estava estupefato e mais estupefato ficou quando lhe foi mostrado o retrato de Quito exposto na sala:

-Ele pouco antes de morrer!... - indicou-lhe a jovem senhora.

Dúvida desfeita, segredo mantido. O caminhoneiro por pouco não dá um faniquito.

Reconheceu o seu benfeitor, não havia dúvida: tinha sido aquele homem do retrato que lhe tirara do sufoco na estrada erma com a carreta enguiçada. Mas como explicar isso às bondosas senhoras? Não, não sabia explicar-lhes, elas não iriam entender o mistério do fantasma ter-lhe socorrido, por isto, o segredo estava mantido e a dúvida delas desfeita:

-Não, não foi este moço senhoras... Perdoem-me pelo transtorno!– desculpou-se.

O caminhoneiro saiu dali às pressas, perturbado, a custo deu o dinheiro à velha senhora com o pretexto de tê-la metido naquele equívoco e não mais ter tempo para desvendá-lo.

O caminhoneiro jurou para os seus colegas que jamais voltaria àquela estrada, sozinho!... Hoje, na curva daquela rodovia, alguém mandou fincar uma enorme cruz de madeira e no seu sopé uma pequena lápide com a seguinte inscrição:

“Quito (*1950 e + 1988), não morreu pela vontade de Deus, mas pela sua permissão continua caminhando por essa estrada...”.

Células-tronco

R. Santana

A Igreja Católica em defesa da fé sempre caminhou na contramão da ciência. Foi assim com Galileu Galilei, Johannes Kepler, o cônego Copérnico e no Século XIX com Darwin e sua teoria evolucionista.

Nos Séculos XII e XIII, quantos “cientistas” foram queimados como bruxos e hereges pelos tribunais eclesiásticos? Milhares. Qualquer idéia que mexesse nos dogmas católicos, seria erradicada no nascedouro. No Século XVI com a Reforma de Martinho Lutero e a Contra-Reforma católica, os processos inquisitórios e os tribunais eclesiásticos forma contemplados com a institucionalização do Santo Ofício.

Entendemos que não foi fácil para as autoridades católicas mexerem no seu dogma da criação quando as idéias de evolução de Darwin foram publicadas. Ninguém admite ainda hoje, que é um parente próximo do macaco. Preferimos acreditar que o homem foi criado fisico-intelectualmente com a mesma desenvoltura potencial de hoje.

Para Aristóteles e Ptolomeu a Terra era fixa no espaço, pois o seu movimento implicaria movimento em círculo das coisas e não num movimento retilíneo e vertical.

Copérnico com sua teoria heliocêntrica (o Sol é o centro do Universo), foi perseguido pela Igreja Católica, mesmo sendo um dos seus cônegos. Galileu Galilei teve que se retratar para não ser perseguido.

Porém, a Igreja Católica, instituição milenar, tem que ser reconhecida pela sua coerência e defesa dos seus princípios de forma peremptória. Ultimamente, ela tem pedido desculpas pelos seus erros históricos e reconhecido sua condição falível e humana.

Far-se-á justiça a posteriori, a Igreja Católica condenar o aborto espontâneo, o homossexualismo, o trabalho escravo, a pena de morte, o suicídio... E, a defesa sistemática do ecossistema, do meio ambiente, da erradicação da fome, da miséria, e a promoção da vida, dentre outras ações religiosas, mas penitenciar-se-á por não ter contribuído para que a Ciência do Século XXI avançasse nas pesquisas de células-tronco embrionárias em defesa da qualidade de vida e terapia de mulheres e homens.

O Supremo Tribunal Superior foi sábio quando por maioria entendeu que não se pode negar ao homem a busca de algo que diminua o seu sofrimento, o seu mal, enfim, em busca duma vida feliz. Então, vejamos a notícia:

“O Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou nesta quinta-feira (29.05.2008), as pesquisas com células-tronco embrionárias, ao derrubar a Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) contra a Lei de Biossegurança. Dos 11 ministros da corte mais importante do país, seis deram parecer favorável à lei. Os outros cinco votaram parcialmente a favor, com ressalvas diferentes. Um debate sobre o possível controle do Conselho Nacional de Saúde sobre os comitês de ética das instituições responsáveis pelas pesquisas marcou o final da sessão”.

Essa Lei de Biossegurança é a Lei nº. 11.105/05, em particular, o seu Artigo 5º., que autoriza a pesquisa genética de embriões e deixou ao Conselho Nacional de Saúde o controle dos problemas éticos, subordinado ao Ministério da Saúde.

Alguns ministros do STF votaram com restrições, para que no futuro, a engenharia genética não fosse usada para fins escusos. Não se admite que com a atual explosão demográfica do mundo, somente em dois países, a China e a Índia, têm mais de dois bilhões de seres humanos, os cientistas usem essas células embrionárias para clonar seres humanos, não obstante, elas serem de uma valia inquestionável para cura de doenças crônicas, incuráveis, e na produção de órgãos.

O ministro Celso de Mello foi de uma realidade mórbida ao justificar o seu voto:

“Desculpem-me a expressão, mas o destino de todos os embriões seria o lixo sanitário. Dá-se-lhes, portanto, uma destinação nobre”. Enquanto isto, uma nota da CNBB, colocando em dúvida a decisão do STF que numa votação apertada, por maioria simples, liberou as pesquisas com células-tronco e justifica: “não se trata de uma questão religiosa, mas de promoção e defesa da vida humana, desde a fecundação, em qualquer circunstância em que se encontra”, e arremata: “no mundo inteiro, não há até hoje nenhum protocolo médico que autorize pesquisas científicas com células-tronco obtidas de embriões humanos em pessoas, por causa do alto risco de rejeição e de geração de teratomas. Ao contrário do que tem sido veiculado e aceito pela opinião pública, as células-tronco embrionárias não são o remédio para a cura de todos os males”.

Na trama “O DNA de Emanuel”, tive o cuidado de demonstrar a importância das pesquisas de células-tronco embrionárias e adultas para o tratamento de doenças crônicas, incuráveis, porém, tive o cuidado redobrado de demonstrar que é de somenos importância para evolução da humanidade, a reprodução assistida, em laboratório, pois a fecundação e a reprodução naturais são mais simples e eficientes, além da impossibilidade, atual, de se clonar um ser humano além do seu fenótipo, isto é, além da aparência, com as mesmas potencialidades cognitivas e psicológicas.

Emanuel, um ser humano perfeito fisicamente, desde o início manifestou um comportamento estranho, psicótico, bipolar e por conta dessa instabilidade mental, teve várias atitudes sociais reprováveis e tem um triste fim.

Autor: Rilvan Batista de Santana
Gênero Literário: Crônica.

-

-

.

